



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CAMPUS FLORESTA
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E
LINGUAGENS

FRANCISCA JAICICLEA FARIAS RAMOS

**MITOS E LENDAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA E PERUANA: ESTRATÉGIAS DE
ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA**

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2023

FRANCISCA JAICICLEA FARIAS RAMOS

Mitos e lendas da Amazônia brasileira e peruana: estratégias de ensino de língua espanhola

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – *Campus Floresta* para a obtenção do título de mestre(a) em Ensino de Humanidades e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Carvalho

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Cruzeiro do Sul - UFAC

- R175m Ramos, Francisca Jaiclea Farias, 1986 -
Mitos e lendas da Amazônia brasileira e peruana: estratégias de ensino de língua espanhola / Francisca Jaiclea Farias Ramos; Orientador: Dr. João Carlos de Carvalho. - 2023.
91 f.: il.; 30 cm.
- Dissertação – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL), *Campus Floresta*, Cruzeiro do Sul (AC), 2023.
Inclui referências bibliográficas e anexas.
1. Ensino de língua espanhola. 2. Amazônia – Mitos e lendas. 3. Narrativas orais. I. Carvalho, João Carlos de (orientador). II. Título.

CDD: 407

Mitos e lendas da Amazônia brasileira e peruana: estratégias de ensino de língua espanhola

Francisca Jaiciclea Farias Ramos

Dissertação defendida em 22/03/2023 e considerada **aprovada** para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens – Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, *Campus Floresta*.

Prof. Dr.
Cleidson de Jesus Rocha
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr.
João Carlos de Carvalho
Universidade Federal do Acre - Ufac
Orientador e Presidente

Prof. Dr.
José Mauro de Souza Uchôa
Universidade Federal do Acre - Ufac
Membro Interno

Prof. Dr.
Cláudio Luiz da Silva Oliveira
Universidade Federal do Acre - Ufac
Membro externo

Prof^a. Dr^a.
Vera Lúcia de Magalhães Bambilra
Universidade Federal do Acre - Ufac
Suplente

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2023

AGRADECIMENTOS

Ao bondoso Deus, que em cada detalhe cuida de mim e me concedeu a graça de concluir essa importante etapa de minha vida acadêmica.

Ao meu orientador Professor Doutor João Carlos de Carvalho pela paciência e dedicação, pelas contribuições preciosas durante essa trajetória.

A minha banca examinadora Professor Doutor Mauro Uchôa e Claudio Oliveira, que trouxeram contribuições fundamentais para a melhoria da minha pesquisa

A minha professora de graduação e amiga, Maria Alberlane, pela ajuda preciosa na elaboração do projeto inicial, pelos conselhos, compreensão e apoio de sempre.

A equipe do Ppehl, em especial aos professores pelos ensinamentos e incentivo, por terem me ajudado a vencer as correntezas dessa travessia.

A minha família, em especial a minha mãe dona Dora, que em sua simplicidade, suas palavras e orações foram e são força para sempre seguir acreditando.

Aos meus colegas de curso por toda torcida, apoio e contribuição.

Ao meu esposo José Francisco, meu maior incentivador, por tudo e por tanto.

Aos meus filhos Ana Luiza e Matusalem.

Aos meus amigos que mesmo longe se faziam presentes na torcida e orações por mim.

*Dizem todos os povos da floresta que, quando
a noite cobre o mundo e os peixes dormem,
o boto se aproxima das margens e vai
bordejando o rio à procura de festas.
Sai da água sem barulho e transforma-se em
um rapaz de tal beleza que as estrelas do céu
piscam apaixonadas.
(Vera do Val, 2007, p.54)*

RESUMO

O presente trabalho aponta para uso das narrativas orais tradicionais amazônicas como estratégias de ensino Língua Espanhola, numa perspectiva intercultural, propiciando comparações entre mitos e lendas do Brasil e Peru, no intuito de levar o aluno a conhecer mais da cultura do referido país vizinho. Por considerar a relevância e a necessidade de expor temas em sala de aula voltados para os aspectos culturais no ensino de línguas estrangeiras e no intuito de responder ao questionamento: como os mitos e lendas podem ser usados como instrumento de ensino-aprendizagem do espanhol? A presente pesquisa sugere estratégias de ensino de Espanhol/Língua Estrangeira pautadas nos mitos e lendas da região amazônica. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, que busca verificar como as narrativas orais tradicionais podem ser utilizadas como estratégias de ensino de língua estrangeira, e tendo como objetivo analisar as possibilidades do trabalho, em sala de aula a partir dos mitos e lendas da Amazônia no ensino de Espanhol nas escolas de ensino médio de Cruzeiro do Sul. Para tanto, serão utilizados autores como Jolles (1976), Mielietinski (1987), Loureiro (1995), Cascudo (2006), Orico (1976), para fundamentar os conceitos de cultura e imaginário, buscando compreender como tais elementos se constroem no espaço amazônico. Como suporte para apresentação e análise dos mitos e lendas serão utilizadas coletâneas compostas por textos das narrativas orais tradicionais como Sugobono (1999), Arguedas e Ríos (2011), Platero e Ehrichs (2011). A dissertação propõe atividades de ensino que utiliza os mitos e lendas da Amazônia brasileira e peruana.

Palavras-chave: Narrativas orais tradicionais. Ensino de Espanhol. Mitos e lendas. Ensino médio.

RESUMEN

El presente trabajo apunta para el uso de narrativas orales tradicionales amazónicas como estrategias para la enseñanza de la lengua española, en una perspectiva intercultural, proporcionando comparaciones entre mitos y leyendas de Brasil y Perú, con el fin de llevar al estudiante a conocer más sobre la cultura de ese país vecino. Por considerar la relevancia y la necesidad de exponer temas en el aula centrados en los aspectos culturales en la enseñanza de lenguas extranjeras y con el fin de responder a la pregunta: ¿cómo se pueden utilizar los mitos y leyendas como instrumento de enseñanza-aprendizaje del español? Esta investigación sugiere estrategias para la enseñanza del español/lengua extranjera basadas en los mitos y leyendas de la región amazónica. Se trata de una investigación bibliográfica, que busca verificar cómo las narrativas orales tradicionales pueden ser utilizadas como estrategias de enseñanza de lengua extranjera, y con el objetivo de analizar las posibilidades de trabajo en el aula a partir de los mitos y leyendas de la Amazonía en la enseñanza del español en las escuelas secundarias de Cruzeiro do Sul. Con este fin, autores como Jolles (1976), Mielietinski (1987), Loureiro (1995), Cascudo (2006), Orico (1976) se utilizarán para fundamentar los conceptos de cultura e imaginario, buscando comprender cómo se construyen tales elementos en el espacio amazónico. Como soporte para la presentación y análisis de mitos y leyendas se utilizarán colecciones compuestas por textos de narraciones orales tradicionales como Sugobono (1999), Arguedas y Ríos (2011), Platero y Ehrichs (2011). La tesis propone actividades didácticas que utilizan los mitos y leyendas de la Amazonía brasileña y peruana.

Palabras-clave: Narrativas orales tradicionales. Enseñanza de Español. Mitos y Leyendas. Enseñanza media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. La yacumama

Figura 2. A criação do mundo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Diferenças entre mitos e lendas

Quadro 2. Sequência didática

Quadro3. Sequência didática

Quadro 4. Sequência didática

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LE- Língua Estrangeira

ELE- Espanhol como Língua Estrangeira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	12
1. MITOS E LENDAS: DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES -----	20
2. ENTRECruzAMENTOS DE ORIGENS: A CULTURA E O IMAGINÁRIO -30	
3. ENTRE O BRASIL E O PERU: UMA LEITURA DAS MANIFESTAÇÕES DO MARAVILHOSO -----	41
4. LIMITES E ULTRAPASSAGENS NA CONSTRUÇÃO DIDÁTICA DO ENSINO APRENDIZAGEM DO ESPANHOL NO ENSINO MÉDIO -----	53
4.1 O lugar das narrativas regionais no currículo escolar de ensino médio no estado do Acre -----	55
4.2 Mitos e lendas amazônicas: um jogo de leitura e escrita -----	57
5. NARRATIVAS: PROPOSTAS DE ANÁLISE EM SALA DE AULA -----	67
5.1 Proposta de análise texto 1: Cómo apareció la noche -----	71
5.2 Proposta de análise texto 2: Yacumama -----	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	85
REFERÊNCIAS -----	88
ANEXOS -----	92

INTRODUÇÃO

Ao ministrar aulas dinâmicas de modo a chamar a atenção dos alunos para o tema trabalhado, ou instiga-los a participar de forma ativa do processo de ensino-aprendizagem, nós professores nos deparamos com vários desafios a serem enfrentados em sala de aula. Segundo Schiites (2018, p. 64), no tocante ao ensino de línguas estrangeiras no Brasil, orienta-se que o trabalho docente enfatize a competência comunicativa: em primeiro lugar, mediado e norteado por diversos gêneros textuais como suporte de ensino, levando em consideração todos os aspectos que abrangem a natureza linguística e o modo como os sujeitos organizam cognitivamente as informações discursivas, configuradas na oralidade e na escrita, em contextos reais de uso da língua, ou em situações hipotéticas criadas em classe.

Diante do exposto, o presente trabalho aponta para o uso das lendas e mitos da região amazônica como propostas metodológicas de ensino de língua espanhola, visando à promoção do aprendizado intercultural, com o intuito de promover a interação e o envolvimento dos educandos durante as aulas de Espanhol como Língua Estrangeira-ELE. Trazer narrativas regionais para a sala de aula pode contribuir para a compreensão, ou (re)conhecimento e valorização das culturas narrativas tradicionais regionais, despertando nos alunos a curiosidade acerca dos aspectos culturais nos quais estão inseridos, ampliando seus horizontes a respeito do imaginário, das tradições e de sua própria história, promovendo assim reflexões sobre como a mitologia é vista hoje pela sociedade contemporânea e como ela poderia ainda ser partilhada com membros aprendentes da língua estrangeira.

Abordar conteúdos culturais no ambiente escolar faz-se necessário, tendo em vista que a língua é parte integrante da sociedade em amplo aspecto. Segundo Gargallo (1999, p.35) “língua, cultura e sociedade constituem um conjunto cujos elementos se implicam mutuamente, sem que seja possível falar de um sem fazer referência aos outros”¹. Nesse sentido, utilizar os gêneros narrativos regionais, de distintos espaços territoriais, evidencia em sala de aula não apenas os temas relacionados à cultura oral-regional, mas as questões identitárias, o multiculturalismo, as semelhanças e diferenças para com a cultura do outro, enfatizando a importância da tolerância e respeito ao que é diferente.

¹ lengua, cultura y sociedad constituye un conjunto cuyos elementos se implican mutuamente, sin que sea posible hablar de uno sin hacer referencia a los otros.

Segundo Bandeira (2020, p. 24), o ensino de línguas deve abordar os conteúdos culturais e não apenas sua estrutura e função, uma vez que estamos inseridos em uma sociedade cada vez mais heterogênea. Apresentar temas ou conteúdos pertencentes ao contexto social, ou a realidade cultural dos educandos, tornam as aulas significativas para os mesmos, possibilitando a participação ativa nas atividades, e preparando-os para situações reais de uso da língua.

No ensino tradicional de idiomas estrangeiros, em que a gramática é priorizada e ensinada de forma descontextualizada, as atividades desconexas e as decorações de diálogos prontos fazem parte das práticas orais em sala de aula. Este tipo de atividade pouco desperta o interesse dos alunos. Nesse sentido é interessante que, o ensino língua estrangeira seja orientado pelo viés da competência comunicativa, sendo então o uso das narrativas tradicionais, uma das alternativas possíveis de envolver os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Conhecer um idioma estrangeiro, além de sua estrutura gramatical, significa saber identificar os elementos culturais a ele vinculados, a dinâmica complexa dos contextos enfrentados, e, ao utilizar temas das narrativas regionais, podemos ter um mecanismo maior de apoio dentro das salas de aula, aliado a outras situações ou metodologias de aprendizagem que possam contribuir com o processo de ensino, proporcionando a aquisição de habilidades linguísticas e gramaticais, bem como conhecimentos básicos da língua meta, possibilitando o diálogo entre culturas, transformando assim a sala de aula em espaço de reflexões, debates e aprendizagem entre alunos e professores, que atuarão como mediadores de aprendizagem.

Trabalhar com temas regionais poderá ser uma estratégia de ensino que venha despertar o interesse dos aprendentes, e contribuir com o desenvolvimento das habilidades esperadas no ensino de línguas estrangeiras, tais como a oralidade, a escrita, a compreensão leitora e auditiva, e também das questões gramaticais, possibilitando ao aluno a aquisição de novos vocábulos, ampliando a fluência oral e verbal, contribuindo para que os mesmos possam comunicar-se de maneira fluida na língua meta.

Como docente acredito que a sala de aula deve ser de fato um ambiente de trocas de saberes, sendo assim, penso que o ensino de línguas pautado por temas culturais contribua para a efetiva participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, de modo que estes sintam-se sujeitos responsáveis por sua formação escolar.

Por compreender a relevância de se trabalhar os temas culturais regionais em sala de aula e o encantamento que tenho pelas narrativas orais tradicionais escolhi o tema: “ensino

de Língua Espanhola por meio dos mitos e lendas amazônicas”. Sempre gostei de ouvir as histórias da minha gente, onde o narrar ultrapassa a simples contação de um enredo, pois os relatos são sempre marcados por seres invisíveis que, segundo contam atuam no mundo real por meio de acontecimentos sobrenaturais, que apavoram os menos corajosos e estimulam o devaneio na busca por compreender o inexplicável. Sendo assim, acredito na possibilidade de utilizar tais narrativas como instrumento de ensino de ELE. Uma das experiências que me levaram a pensar nesse tema foi vivida durante as aulas práticas da graduação, ao trabalhar em uma turma de EJA /segundo segmento, apresentando as lendas amazônicas como texto base de leitura e análise, percebi então o interesse dos alunos sobre a temática dos mitos e lendas da região amazônica.

Apresento agora uma breve explanação de meu perfil profissional. Sou graduada em Língua Espanhola e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Acre – Ufac. Trabalhei como professora leiga na rede municipal de ensino, especificamente como docente de sexto a nono ano no ensino fundamental em Marechal Taumaturgo, sendo este um dos municípios mais isolados do estado do Acre em termos de acesso e que faz fronteira com o Peru. Enquanto professora no referido município, ministrei além de outras disciplinas a Língua Espanhola, e no decorrer de minha breve experiência pude observar que os materiais didáticos disponibilizados não abordavam os temas referentes as culturas tradicionais e quando apresentavam algo relacionado, era sempre referente a cultura espanhola. Quando aluna, no mesmo município, fiz parte de uma das primeiras turmas de um projeto piloto intitulado “Asas da Florestania”, que levou o ensino médio para as comunidades rurais de difícil acesso no Estado do Acre, onde, em meio aos percalços, pude concluir o curso. Durante as aulas de Língua Espanhola no dito programa começou meu interesse pelo referido idioma, em aprender mais, tendo uma maior curiosidade pelas questões culturais que envolvem a língua.

Ao cursar o Ensino Médio, não tive contato com as narrativas amazônicas no decorrer da disciplina de Língua Espanhola, embora os livros didáticos e as aulas trabalhadas pelos professores abordassem constantemente diversos temas relacionados à cultura. Por essas razões, proponho que os temas culturais regionais sejam utilizados como possíveis metodologias de ensino de línguas, como uma forma de reavivar as narrativas orais dentro do espaço escolar e fazer com que essas tradições regionais sejam também uma ferramenta a mais de apoio para alunos e professores.

A presente investigação se baseia na proposta de ensino de ELE a partir de mitos e lendas amazônicas, e tem como objetivo central analisar as possibilidades das narrativas da Amazônia brasileira e peruana funcionarem como estratégias para o ensino de Língua Espanhola, nas escolas de nível médio e como objetivos específicos: descrever possíveis situações de ensino tendo como suporte textual os mitos e lendas da Amazônia; apresentar situações de ensino que estimulem o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita em língua espanhola; analisar as diferenças entre mitos e lendas; apresentar atividades de ensino a partir de textos recuperados que não figuram como canônicos na alta literatura.

O problema da pesquisa busca responder ao questionamento; como as narrativas orais da Amazônia brasileira e peruana podem funcionar como estratégias de ensino de língua espanhola?

No intuito de fornecer uma(as) resposta(s) para esse questionamento, serão levantados materiais bibliográficos como livros, artigos, dissertações, impressos e em sites, que auxiliarão na elaboração do presente trabalho. A pesquisa de cunho bibliográfico utilizará teóricos que trabalham a temática dos mitos, e como essas concepções cosmogônicas influenciam e estão arraigados nas diversas culturas, bem como trará artigos e dissertações que discorram sobre o ensino de línguas por meio das narrativas orais tradicionais, como também serão apresentadas situações de aprendizagem que reavivem a relação dos alunos com a cultura das narrativas orais regionais, e que estabeleçam a comparação de narrativas da Amazônia brasileira e peruana, de modo a despertar reflexões sobre as semelhanças e diferenças culturais, produzindo assim conhecimentos sobre o outro, seu modo de crença e relação com o mundo que o cerca, instigando-os a compreenderem a Amazônia como um macro espaço, composto por diversos costumes, crenças e povos, tão singulares quanto semelhantes em seu modo de relacionar-se com a natureza. Ao descrever estratégias de ensino de ELE, que possibilitem a utilização das mitologias amazônicas como métodos de ensino-aprendizagem de Língua Espanhola, estarei contribuindo para novas dinâmicas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira em nossa região e no país.

Para sustentar as reflexões e definições acerca da temática apresentada, me apoiarei em autores que fundamentam as discussões sobre os mitos e lendas e a complexidade presente em cada gênero, que a princípio parecem ser de simples conceituação, mas tornam-se complexos à medida em que se tenta defini-los. Trago ainda artigos e dissertações como base de estudo sobre a importância de se trabalhar os gêneros narrativos no ensino de ELE,

na perspectiva de ensino intercultural e com enfoque comunicativo visando o desenvolvimento da dinâmica do ensino da língua estrangeira por meio da tradição oral.

Jolles (1976) traz em sua obra *Formas Simples* conceituações e aplicações do que vem a ser cada um dos gêneros por ele apresentados, o que nos auxiliará na compreensão das definições de mito e lenda. O autor demonstra o desenho da arte narrativa ao longo do tempo, bem como suas características, apontando os percursos dessa tradição que perpassou séculos e chegou até o presente momento, possibilita assim analisar como estas narrativas se apresentam ainda hoje na contemporaneidade, e quais de seus aspectos se assemelham e se diferenciam.

Bricout (2003) apresenta como as narrativas míticas chegaram até nossos dias e como se manifestam na atualidade. Mielietinski (1987), aborda a questão do mito e da literatura, aponta a proximidade entre as culturas primitivas. Nessa perspectiva o autor auxilia na exposição das aproximações entre mitos e ritos, ou como os ditos gêneros são compreendidos no mundo moderno. Ao citar Reglan, o autor considera “todos os mitos textos ritualísticos, considerando contos populares e lendas, os mitos dissociados do ritual”. Para Mielietinski os mitos nas sociedades tribais atuam na função preventiva de equilibrar os excessos humanos e manter a vida, pois são um ponto de equilíbrio para a harmonia e equilíbrio social e espiritual, nesse sentido analisarei se os mitos ainda são compreendidos dessa forma nas sociedades modernas.

Loureiro (1995), apresenta a temática cultural amazônica como um imaginário constituído e guiado pela mitologia, a partir da idealização poética que nos mostra uma região diversa. O autor aponta que devemos considerar que esse macro espaço comporta várias “amazônias”: a indígena, a cabocla, a ribeirinha, a urbana, etc., onde cada grupo apresenta características distintas nas formas de conceber suas relações com o mundo que os cerca, com seus semelhantes, com o sagrado, com a natureza e com a religiosidade. Para o autor,

a cultura amazônica onde predomina a motivação de origem rural ribeirinha é aquela na qual melhor se expressam, mas vivas se mantém as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário (LOUREIRO, 1995, p. 56).

As narrativas e manifestações culturais apresentadas por Loureiro (1995) retratam a cosmogonia, os seres encantados e apresentam-se como norteadoras das vivências e da compreensão da complexidade de uma Amazônia muitas vezes idealizada.

Miranda (2006) apresenta a literatura oral peruana como uma forma de encontro das gerações e como esta se configura e colabora para a promoção do ensino bilíngue. Segundo o autor,

os povos etnocampesinos conservam os cenários espaciais e sociais nos quais a narrativa oral se cultiva na vida cotidiana, entre eles: o fogão, as fases de culminação dos ciclos agrícolas e agropecuários, as festas e celebrações, os lugares de trabalho, e as escolas, onde se reúnem homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e anciãos para transmitir seus saberes (MIRANDA, 2006, p. 7).²

O autor aponta em seu trabalho a necessidade de recuperação social do que ele chama de “palavra falada”, ou dos processos de continuação cultural e memória coletiva representada pelos saberes populares, ou seja, ao levarmos as narrativas orais para a sala de aula, estamos contribuindo para a continuidade da tradição oral, rememorando e resgatando essa tradição que está se perdendo com o passar do tempo.

Cascudo (2006) apresenta a literatura oral brasileira e as contribuições dos portugueses, indígenas e africanos para sua formação. O autor descreve como o conhecimento popular era transmitido e como se mantinha, como as cerimônias religiosas eram transformadas em atividades lúdicas, visto que, a recreação popular não se limitava apenas ao divertimento, aos folguedos adultos e infantis. Cascudo (2006) enfatiza a dificuldade em delimitar as origens das narrativas orais brasileiras, pois as mesmas são construídas e reconstruídas por elementos de outras narrativas.

Em relação à proposta de ensino, em como as lendas e mitos podem ser utilizadas por meio de possíveis estratégias metodológicas numa perspectiva intercultural e comunicativa, utilizaremos artigos e dissertações de autores como Lima (2015), que em seu trabalho aborda a interculturalidade no ensino de espanhol por meio das lendas. A autora apresenta sugestões didáticas passíveis de adaptações conforme os contextos socioculturais, utilizando as lendas brasileiras para o ensino de Língua Espanhola, com o intuito de valorizar

² los pueblos etnocampesinos conservan los escenarios espaciales y sociales en los cuales la narrativa oral se cultiva en la vida cotidiana, entre ellos: el fogón, las fases de culminación de los ciclos agrícolas y ganadero, las fiestas y celebraciones, los lugares de trabajo en faenas, y las escuelas, donde se congregan varones y mujeres, niños, jóvenes, adultos y ancianos para transmitir sus saberes.

a tradição oral e possibilitar o diálogo entre culturas, enfatizando a importância de se trabalhar a interculturalidade nas aulas de LE, por meio das narrativas.

Cardoso (2018) aponta em sua dissertação a utilização das lendas amazônicas como recurso tanto para o ensino de português como língua estrangeira; o autor pontua que as interações linguísticas contribuem para a troca entre culturas, construindo e desconstruindo, reforçando ou destruindo conceitos e relações sociais. Segundo o autor,

é na multiplicidade das interações comunicativas que o ser humano consegue evoluir, trocando informações que os permitem criar um relacionamento com o *Outro*, adaptando-se às diversas formas de organização social, assumindo posições que deixam o nível abstrato e se concretizam por meio da linguagem (CARDOSO, 2018, p. 16).

A linguagem é apresentada pelo autor como elemento propulsor de trocas e aquisição de novos conhecimentos por meio das interações sociais, possibilitadas na sala de aula por meio das intervenções de ensino propostas, de modo a estimular o desenvolvimento das habilidades comunicativas na língua meta.

Bandeira (2006) apresenta o ensino-aprendizagem de língua estrangeira em uma perspectiva intercultural, e sugere meios para ensino de línguas, onde se enfatiza a tolerância e a aceitação de outras culturas, como sendo diferentes, mas tão importantes e ricas como as demais; propõe também sequências didáticas com práticas pedagógicas baseadas no gênero lenda, com o intuito de desenvolver nos alunos valores como respeito, aceitação e empatia pelo diferente. Para a autora,

a busca por uma educação em uma perspectiva intercultural de ensino, em que a escola seja um espaço de comunicação e aprendizagem entre pessoas, grupos, conhecimentos, valores e tradições, faz-se necessária à medida que vivemos em um mundo cada dia mais plural. Esta perspectiva favorece a reflexão sobre o modo como o aluno vê e interage com a diversidade cultural, proporcionando vivência e interatividade, levando os alunos a pensar sobre seu próprio contexto e realidade cultural (BANDEIRA, 2020, p. 22).

As reflexões sobre a percepção e compreensão das diversidades de culturas podem vir por meio do uso das narrativas orais como estratégias de leitura, seguidas de exercícios que estimulem a interpretação textual e a reflexão crítica da relação entre oralidade e a escrita. Tais atividades podem estimular o aprendizado significativo para o aluno, ao deparar-se com temas que fazem parte de sua realidade, pois amplia seu universo cultural, conceitual e linguístico acerca do idioma que está aprendendo.

A dissertação será organizada em cinco Sessões: A sessão 1. Mitos e lendas: diferenças e aproximações; trará a contribuição de teóricos sobre as origens dos mitos e como estes fazem parte da constituição cultural dos povos. A sessão 2. Entrecruzamentos de origens: a cultura e o imaginário; apontará como se constitui as culturas da Amazônia peruana e brasileira. A sessão 3. Entre o Brasil e o Peru: uma leitura das manifestações do maravilhoso; apontará as aproximações e diferenças entre os mitos da Amazônia brasileira e peruana respectivamente, e como o maravilhoso se manifesta nessas narrativas. A sessão 4. Limites e ultrapassagens na construção didática do ensino aprendizagem do espanhol no Ensino Médio; apresenta propostas de ensino a partir dos mitos e lendas. E na sessão 5, Narrativas: proposta de análise em sala de aula, apresenta atividades práticas de leitura e análise de duas narrativas ao mesmo tempo que trabalha com a gramática, a pronúncia e tradução de vocábulos.

1. MITOS E LENDAS: DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES.

*Os mitos são revelações
Primárias da alma pré-consciente,
opiniões involuntárias acerca de
eventos inconscientes da alma.*
Mielietinski

Ao pensarmos em mitos, logo nos vem a ideia de explicações das origens, de verdades pré-estabelecidas de mundos ancestrais, de forças sobrenaturais agindo sobre o mundo real, para dar forma e vida aos mais diversos seres. Como também nos vem à lembrança algo também duvidoso, fruto do imaginário dos antepassados, como forma de explicar a existência e a origem dos fenômenos por eles não compreendidos.

Os mitos exercem influência na constituição cosmogônica dos diversos povos desde os princípios da humanidade, seja como explicação da origem do universo, do surgimento dos primeiros povos, da agricultura, da fertilidade, das forças da natureza e das relações humanas com o meio ambiente etc. Fato é que, tais narrativas fazem parte da cultura humana em seus múltiplos aspectos e permeiam o imaginário desde os primórdios, sendo aceitos como verdades inquestionáveis ou, por outro lado, simplesmente como narrativas culturais fantasiosas.

Refletir sobre as diferenças e aproximações dos mitos e lendas, leva-nos a apresentar, inicialmente, a definição dicionarizada de ambos os termos. Segundo Fernandes, Luft e Guimarães (2003, n.p): “Mito, *s.m.*; Narração dos tempos fabulosos ou heroicos; fábula; tradição alegórica explicativa dum fato natural, histórico ou filosófico; (fig.) coisa inacreditável que não tem realidade; quimera; utopia; mistério; enigma. (Do lat. *mythu.*)”. Os mesmos autores apresentam para o verbete lenda, o seguinte conceito: “Lenda, *s.f.* narrativa de acontecimentos fantásticos; tradição popular; conto; história fabulosa; (fig.) mentira, invenção. (Do lat. *Legenda*)”.

De acordo com os termos dicionarizados, as diferenças são quase imperceptíveis no sentido de que ambos os signos se referem às narrativas orais e têm, na própria tradição oral popular, sua origem. Porém, o verbete referente à conceituação do mito aqui apresentado, segundo os dicionários, não aborda a questão religiosa, que envolvem os mitos desde seu início e transmissão, já comentado por mim, por meio de narrativas orais como explicação da origem do universo, dos fenômenos da natureza, do ser humano, dos animais, de determinados rituais, das próprias cerimônias religiosas etc.

Os verbetes dicionarizados apresentam uma definição compacta e simplista que não abarcam ou comportam a complexidade e abrangência dos termos, pois tais gêneros possuem uma significação bem maior que os conceitos presentes nos dicionários, seja de modo sacralizado ou apenas como parte do folclore, os mitos são compreendidos pelos povos conforme suas crenças, nas quais se manifestam sua maneira de sentir e compreendê-los dentro de um contexto próprio de aproximação com suas origens. De acordo com Mielietinsky (1987, p.30),

na sociologia moderna, o termo “mito” se emprega com diversas apreciações e diferentes sentidos, o que acarreta uma ampliação injustificada e a modernização do seu significado. [...], no século XX passou a ser empregado com sentidos como ilusão, mentira, falsa propaganda, credence, fé, convencionalidade ou concepção de valor em forma fantástica, expressão sacralizada e dogmática de costumes e valores sociais. [...] o mito se tornou um termo mais polêmico que analítico, e que seu emprego polêmico provém da oposição entre tradição e desordem, poesia e ciência, símbolo e afirmação, costumeiro e original, concreto e abstrato, ordem e caos, intensividade e extensividade, estrutura e textura, mito e *logos*.

A sociedade contemporânea transformou o substantivo mito em adjetivo para designar situações falsas, irrealis, ficcionais ou ilusórias, distorcendo totalmente seu significado e utilidade original. Para os povos autóctones, os mitos contêm as explicações de suas origens, pois estes designam uma história verdadeira e como narrativas sagradas fornecem os modelos ideais para a conduta humana e esclarecem as origens de tudo o que existe, sendo expressos por meio de discursos orais ou escritos.

Segundo Jolles (1976, p. 87), “o homem quer compreender o universo, quer entendê-lo como um todo, mas também em seus pormenores, como a lua e o sol”. É uma necessidade humana a busca pela compreensão da constituição do universo; aplicar ou compreender o conceito de mito apenas segundo o dicionário é “anular” sua função social mais ampla, dada a sua importância na constituição das diversas narrativas, sejam orais ou não. Essas são e estão sempre carregadas de sentidos e simbologias, e têm no mito as respostas para os questionamentos acerca da natureza divina, do universo, do cosmos que se dá a conhecer através dessas narrativas. Assim sendo as origens do universo e de todas as coisas são explicados por meio dos mitos, com relação a essas narrativas Mielietinski (1987) pontua também que,

os mitos da criação são de todos os objetos que constituem o mundo. [...], o ato de surgimento ou criação pode manifestar-se numa série de variantes, mas, do

ponto de vista mitológico, essas variantes “discretas” são cortes de um *continuum* convencionalmente revelado, que transforma um nos outros (MIELIETINSKI 1987, p. 227).

As narrativas que explicam a origem da criação, denominadas mitos de origem, são produzidos para dar unidade tribal, a partir do momento que o grupo é secularizado, a fé nas narrativas passa a ser alegórica, ou seja, mesmo acreditando nos mitos de origem, estes não regem mais a conduta do sujeito na sociedade que está inserido. O conhecimento científico, regido pela razão substitui o caráter sagrado do mito, esse na sociedade moderna ganha outras apreciações e outros significados, entre os quais “ilusão, mentira, falsa propaganda, credence, fé, convencionalidade ou concepção de valor em forma fantástica, expressão sacralizada e dogmática de costume sociais.” (MIELIETINSKI 1987, p. 30).

Referindo-se ao conhecimento científico, Jolles (1976, p. 98) pontua que “o conhecimento procura depreciar o mito e negá-lo, mas, por outro lado, não hesita em recorrer ao mito analógico e em tentar realizar-se num mito relativo, sempre que tem consciência das próprias limitações”. Na sociedade contemporânea dessacralizada, as explicações sagradas dos fatos, antes feitas somente pela palavra narrada, foi superada pelo discurso racionalista, mas as lacunas que surgem no vácuo existente entre a pergunta e a resposta continuam em aberto, precisando de respostas; estas são portanto preenchidas pelos mitos, embora não sejam utilizados e compreendidos em seu caráter sagrado, como o eram pelos povos primitivos, pois estão em constante metamorfose, adaptando-se às novas demandas das sociedades. As manifestações mitológicas permanecem vivas e são identificadas nos mais diversos contextos, ambientes e situações. Segundo Bricout (2003, p. 13),

o mito está presente por toda parte e, no entanto, é clandestino; no labirinto das ruas, no tumulto das cidades, nas paredes do metrô, nos paralelepípedos das calçadas, nos gritos das feiras e no rumor diurno, em nossos gestos e hábitos, em nossos sonhos e fantasmas. Está aí e, no entanto, ninguém o reconhece.

Além dos exemplos citados por Bricout (2003, p. 13), os mitos apresentam-se em outras roupagens nos pequenos gestos do cotidiano, como no cinema, nas reportagens, na pintura, na fotografia, no teatro, no esporte, nas campanhas publicitárias, nas revistas de quadrinhos, nas apresentações de óperas. Bem como nas datas comemorativas; temos como exemplo as festas de ano novo, nos quais os rituais podem reforçar certos paradigmas de comportamento como a escolha dos alimentos a serem servidos, a cor da

roupa, a contagem regressiva do tempo, evocando assim a existência dos mitos e a crença no sobrenatural de maneira muitas vezes até indireta.

Para Bricout (2003, p. 17), “o mito escapa, portanto, de todos os entraves conceptuais bem como das clivagens sociológicas: seu reino é “sempre um local provisório, uma praça aberta, um lugar nômade”. Não há como defini-lo como algo fechado e acabado, como pertencente a um único lugar ou a um passado distante, pois ele se metamorfoseia, multiplica-se, permanece vivo, participando de nossa linguagem, comportamentos e sonhos. Seja em seu caráter sagrado ou ornamentação folclórica, os elementos míticos tecem nosso cotidiano, e estão arraigados nas culturas como um todo.

O imaginário humano jamais deixará de produzir prodígios em relação à mitologia, pois os mitos tocam em nossos medos ancestrais; para Bricout (2003, p. 14), “o mito é sempre um jogo de luz e sombra, descoberta e recobrimento, ao mesmo tempo ingênuo e complexo, transparente e enigmático”. Sendo assim, o mito nos deixa indagações, por outro lado, porém, dominados pela secularidade, somos atraídos para as zonas desconhecidas, onde os medos e temores primitivos afloram e nos assombram e também nos atraem ao desconhecido de nós mesmos, arriscando a retornar a situações emblemáticas sem mesmo nos darmos conta disso.

Nas sociedades contemporâneas, a ansiedade e a necessidade de produzir heróis é suprida por pessoas que se destacam no esporte, no mundo artístico e no populismo da política: tais figuras públicas são vistas como fundadores de ideias e modelos ideais a serem seguidas, como sendo semideuses ou estando acima dos demais. Por meio da popularidade adquirida, ou desenvoltura na área de atuação profissional, ganham centenas de seguidores, os quais erroneamente os chamam de mito; nessa situação o termo não se aplica no sentido religioso de explicar as origens do universo ou de um fenômeno por meio do agir divino ou sagrado, mas se aplica como um adjetivo, em que o vocábulo utilizado remete à ideia de qualidade acima do esperado para os seguidores do sujeito que assim é chamado.

O imaginário humano é alimentado desde a infância por narrativas fantásticas, em que os personagens são projeções inconscientes do pensamento fabuloso coletivo que o povoam com enigmas e desafios, pois, sendo aceitas como verdade ou não, elas fazem parte de nossa constituição cultural, ou o nosso modo de ser. Nesse sentido, o ensino pautado na utilização de narrativas mitológicas, em sala de aula, abordando as origens dos mitos e lendas no contexto universal, explorando as semelhanças e diferenças que

eles apresentam, surgem como ferramenta para compreendermos a própria origem humana e, ao tomar a formação mitológica amazônica como possibilidade de estratégia de ensino de Espanhol como língua estrangeira, proponho-me a analisar as possibilidades de atrair o aluno, ou o leitor-aprendiz³, a considerar as condições de circularidade das narrativas na região. Com isso, o idioma Espanhol servirá também como uma maneira de aproximação de realidades próximas e desconhecidas.

A escola, como espaço sociocultural por excelência, é ambiente propício para o debate e rememoração dessas narrativas, pois cada aluno traz em sua bagagem cultural os relatos orais tradicionais. Possibilitar que os mesmos (re)conheçam a importância dessas narrativas tradicionais é entrar em contato com um legado cultural deixado por nossos antepassados, em que o uso dos mitos e lendas, como suporte de ensino de língua espanhola, contribui não somente para o desenvolvimento da língua meta, mas também para a promoção da interação entre culturas, por meio da reflexão sobre as diversas crenças e o respeito às diferentes maneiras de compreender o mundo a partir dos etos amazônicos.

Trabalhar com mitos e lendas como estratégia de ensino de língua espanhola, de modo que os alunos possam compreender a formação mitológica no contexto global, e a importância dessas narrativas como registros da tradição oral popular dos chamados povos primitivos, permite compreender esses relatos como forma de resistência à passagem temporal, percebendo as alterações que elas sofreram e como se apresentam ainda nos dias de hoje, possibilitados por novos contextos de compreensão.

Em termos práticos, é possível desenvolver metodologias de ensino-aprendizagem por meio da seleção prévia das narrativas aqui abordadas; dentre as atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula estão, a realização de leituras guiadas dos textos, debates sobre a compreensão textual com inferências sobre o conteúdo, pesquisas de palavras desconhecidas por parte dos alunos bem como seu respectivo significado, a fim de ampliar o vocabulário em língua espanhola, bem como atividades que estimulem o desenvolvimento da oralidade, o uso de dicionários para a tradução de palavras e do texto em si; também simulação de reportagens referentes ao tema abordado pelo texto que está sendo trabalhado, assim como a recriação oral ou reescrita das narrativas lidas, entre outras atividades que contemplem o desenvolvimento das habilidades auditivas, leitoras,

³ Ou “aprendente”.

orais e escritas. Desse modo proporcionar ao aluno o aprendizado de construções sintáticas na língua meta, ao observar as especificidades do idioma em processo de aprendizagem, e familiarizar o aprendente com a apreciação das construções literárias, a partir de textos menos complexos.

No intuito de aproximar as narrativas amazônicas de nacionalidades próximas e desconhecidas, propomos o estudo também das lendas a partir de suas origens, seguindo a mesma proposta de estudo e análise dos mitos, identificando quais mudanças ou adaptações ocorreram quanto ao seu propósito e função inicial, por meio de quais roupagens o dito gênero manifesta-se na atualidade.

A lenda é resultado da produção imaginária do inconsciente popular, transformada e adaptada pela tradição cultural de acordo com os costumes e crenças de cada povo, onde o maravilhoso mescla-se com a realidade, refletindo os anseios, as crenças, os medos e os ensinamentos de um grupo ou de uma população. A lenda, segundo Pierre (2002, p.10), é uma palavra que “provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires”. Ou seja, reuniam-se os possíveis milagres atribuídos a um “santo” e, após todo o processo de investigação e de “comprovação”, por meio de testemunhas oculares, este considerado bem-aventurado era beatificado para posterior canonização.

No sentido de representação da vida dos santos, de exemplificação de ações do bem, a lenda possuía um caráter sacrossanto; com o tempo, as características da vida profana foram incorporando-se às narrativas sagradas e modificando completamente sua essência, sem o compromisso de manter-se fiel às narrativas primevas. Cada povo, segundo suas necessidades e crenças, adaptava as lendas para sua realidade como forma de manutenção de uma tradição, ou com o sentido de ensinamento por meio da narração dos feitos heroicos de alguém ou dos castigos sofridos por outro, mediante as escolhas “erradas”.

A origem das lendas consideradas, a partir da tradição católica, não abarca a complexidade e multiplicidade de dita narrativa mundo a fora, bem como não comporta a definição de lenda no espaço amazônico. Essas, que em alguns aspectos também possuem um caráter sagrado, referem-se à criação ou origem de determinados objetos, animais, costumes ou fenômenos, sempre apresentando um ser superior com características humanas e poderes sobrenaturais atuando diretamente na criação, no surgimento de fenômenos, nas ações e comportamentos humanos, etc.

De acordo com Pierre (2002, p. 12-16), as lendas existem desde que a sociedade se organizava em clãs e que os temas abordados pelas narrativas têm sempre o intuito de inculcar no povo os sentimentos e a preservação dos conhecimentos ancestrais. É uma espécie de documento que grava a vida do povo sem a rigidez cronológica. Para o autor, as lendas históricas se fundamentam em fatos reais, com a verdade alterada pelo autor a fim de provar o que está sendo narrado. Segundo Sugobono (1999, p. 7),

Nas lendas o espaço e o tempo sofrem mudanças inesperadas; Eventos que já ocorreram voltam atrás, as pessoas se transformam em animais e as estrelas têm vida humana. Nos casos, se trata de um universo mágico, mítico, mas tão real como o universo que envolve o narrador (embora que os eventos tenham ocorrido em tempos antigos, o mundo permanece o mesmo em essência).⁴

Nesse sentido, as narrativas maravilhosas permitem que o natural e o sobrenatural convivam no mesmo espaço de tempo, bem como o real e o irreal, pois o passado e o presente dependem um do outro para (co)existir dentro dessas histórias, por meio de seus heróis personagens que são sempre seres encantados a habitar as florestas e rios, possuidores de características humanas, enaltecidas e naturalizadas pelas narrações maravilhosas.

Pensando na funcionalidade e aplicabilidade de uso das lendas como metodologias para o ensino de Língua Espanhola, de modo a despertar a atenção dos alunos quanto às questões identitárias do seu povo e de seus vizinhos e as influências na constituição identitária cultural, Bandeira (2020, p. 23) pontua que

o gênero lenda é capaz de suscitar nos alunos estas reflexões, pois as lendas fazem parte do imaginário de um povo, de suas tradições, de suas histórias. Explorar este gênero dentro de aulas de línguas estrangeiras nos dá a possibilidade de conhecer e refletir sobre a cultura do outro, a partir de uma perspectiva intercultural de ensino.

Proporcionar aos alunos o ensino não apenas de conteúdos gramaticais, ou teóricos a respeito da língua meta, mas buscar despertar a atenção, a criticidade e a noção de identidade cultural e interculturalidade, é uma maneira de tornar o ensino-aprendizado significativo e

⁴ en las leyendas el espacio y el tiempo sufren cambios inesperados; sucesos ya ocurridos vuelven hacia atrás, las personas se transforman en animales y las estrellas tienen vida humana. En los casos se trata de un universo mágico, mítico, pero tan real como el universo que cerca al narrador (aunque los sucesos hayan ocurridos en tiempos antiquísimos, el mundo sigue siendo el mismo en esencia).

atribuir sentido a esse processo. Para que haja uma significativa aquisição da linguagem, bem como a inserção do discente no mundo letrado, as narrativas tradicionais e sua utilização como metodologia de ensino de ELE podem contribuir para que os alunos compreendam melhor a complexidade e as questões culturais constitutivas do idioma, seu vocabulário e a organização sintática da língua.

Partindo do princípio de que mitos e lendas são relatos com características e finalidades diferentes, e que mesmo tendo origem nas narrativas orais, apresentam particularidades em sua constituição e significado, destacamos as distinções entre essas narrativas maravilhosas que são partes constitutivas da cultura humana.

Os mitos são narrativas sagradas que buscam explicar por meio das ações de entes sobrenaturais as origens da vida e do universo como um todo. É a maneira que o homem dispõe para compreender a complexidade cosmogônica e suprir ou preencher as lacunas deixadas pelo discurso racional. Para Jolles (1976, p. 111), “no Mito, o homem interroga o universo e seus fenômenos acerca da natureza profunda deles e o universo dá-se a conhecer numa resposta, numa profecia”. As narrativas míticas são as respostas para o desconhecido, segundo Jolles (1976, p. 92), os mitos são divinos e “são conhecedores das coisas a partir delas mesmas” e como tal não necessitam de explicações lógicas quanto sua origem, funcionalidade e autenticidade.

Segundo Orico (1975, p. 38) “esses mitos longínquos que atravessaram o tempo e o espaço, prolongando-se em nossa sensibilidade de maneira tão sugestiva, são o próprio gênio das tabas sobrevivendo a todas as vicissitudes para explicar o sentido obscuro de sua história”. Para o autor as narrativas aborígenes originaram outras narrativas, estas são patrimônios com capacidade de enriquecer o imaginário dos povos e das raças, embora na contemporaneidade estas não sejam compreendidas como verdades inquestionáveis, fazendo parte do acervo das narrativas orais da humanidade.

As narrativas míticas também possuem função social e cultural, pois detêm a sabedoria e as tradições dos antepassados, manifestados nos ritos, nas crenças, nas demonstrações do sagrado, pois é um fenômeno dotado de várias ideias, sempre carregado de sentido e de difícil definição. O mito tem um caráter sagrado, já que não apresenta evidências históricas substanciais quanto a sua origem, pois seus personagens são sempre deuses, semideuses e divindades que se manifestam por meio de simbologias, rituais e parábolas. Segundo Cascudo,

as lendas têm maior sentido de individualização e fixidez geográfica. O mito é mais geral e amplo com uma projeção indefinida porque não é fácil delimitar as fronteiras da antiga influência religiosa. Constituem não apenas elementos, mas índices visíveis (CASCUDO 2006, p. 103).

Para o autor a lenda tem sempre como referência um determinado lugar a partir do qual a narrativa ocorre, por exemplo a imagem de Nossa Senhora Aparecida retirada por pescadores do fundo de um rio pelas redes de pesca.

As lendas ou legendas com o passar do tempo sofreram e sofrem modificações quanto a sua função; em sua origem narrava os feitos dos santos, em que a realidade histórica era ignorada, enfatizando-se apenas o milagre. Dentre as características da lenda, destacamos a mesclagem de realidade e fantasia; mesmo quando baseada em fatos históricos, o real maravilhoso predomina contrariando a verdade psicológica, pois as ações heroicas ou maléficas dos seres fantásticos são construídas em narrativas que abolem o real sem provocar estranhamento.

Quadro 1. Diferenças entre mitos e lendas.

Mitos	Lendas
1.Exercem influência na constituição cosmogônica dos povos.	1.Apresentam características sagradas e profanas, mesclando o maravilhoso com realidade.
2.Preenchem as lacunas existentes entre a pergunta e a resposta.	2.Resultam da produção imaginária popular.
3.Possuem um caráter sagrado e os seus personagens são sempre deuses, semideuses e divindades.	3.Permitem que o natural e o sobrenatural convivam no mesmo espaço de tempo, contrariando a verdade psicológica.
4. Buscam explicar as origens da vida e do universo por meio das ações dos entes sobrenaturais.	4.Transformam-se e adaptam-se pela tradição cultural, de e acordo com os costumes e crenças de cada local.

Nas sociedades atuais, mesmo com o progresso da ciência, os mitos e as lendas continuam povoando o imaginário humano; por meio da imaginação criadora, o homem atribui aos entes sobrenaturais o equilíbrio e a existência do universo, embora a razão embasada pelos conhecimentos científicos forneça tais explicações, o fabuloso ainda instiga e nutre a imaginação humana.

Os seres fantásticos dotados de poderes sobrenaturais exteriorizam os medos e sentimentos humanos e a luta contra a manifestação de comportamentos entendidos hoje

como sendo primitivos. Independentemente da localização geográfica, as narrativas cosmogônicas fazem parte da constituição da cultura oral tradicional da humanidade, sendo essas originais ou modificados, povoam, segundo o imaginário do grupo, as matas, as montanhas e os rios. Mesmo na realidade atual não sendo mais aceitas como verdades inquestionáveis como o eram pelos antepassados, permanecem na memória coletiva, adaptando-se às vicissitudes da sociedade contemporânea, ganhando novas roupagens.

3. ENTRECruzamentos DE ORIGENS: A CULTURA E O IMAGINÁRIO

*Os ventos, que sopram do litoral para o centro
conduzindo nas asas aquele demônio inquieto que os
homens chamam Civilização, transformam a pouco e pouco
a fisionomia sossegada da natureza, modificando lhe
aparência, hábitos, crenças e ilusões.*
Oswaldo Orico

Desde o século XVI, a Amazônia é apresentada ao mundo sob o olhar do colonizador, como sendo um universo de natureza exuberante, múltiplo, rico e perigoso, possibilitando, aos que nunca tiveram contato direto com este território, compreendê-lo segundo a visualidade imagética descrita por cronistas e viajantes. A maioria tecia uma escrita muitas vezes preconceituosa, fantasiosa, etnocêntrica e estereotipada. Com isso, a “invenção” da Amazônia causou e ainda causa problemas de compreensão em relação à vida nativa, aos povos originários, bem como a seus costumes, crenças e relações com o mundo que os cerca. Entretanto, por meio de um imaginário ainda pulsante e retratado em várias narrativas de tradição oral, influenciou, decisivamente, muitas grandes obras literárias. Nesse sentido, precisamos ter em vista uma compreensão mais universal das formas de convivência entre os povos, pois, segundo Loureiro (1995, p. 53),

a cultura vem sendo considerada desde a Antiguidade clássica como algo que engloba diferentes ângulos de uma totalidade voltada para a criação e preservação de bens materiais-imateriais, passando pelo cultivar, pelo habitar, pelo cuidar. E o homem, através dessas formas de relação com a realidade, torna-se um doador de sentido às coisas.

A cultura de um lugar não se manifesta de forma homogênea ou com uma única representação de valores estanques, pois são os modos de vida que se configuram por meio das marcas identitárias de um povo ou comunidade e interação constante, constituindo o conjunto complexo de expressões em que o homem, como doador de sentidos, produz uma dinâmica da realidade conforme a visualiza e a compreende por meio dos contatos com outras gentes: a natureza humana, em quaisquer condições, produz linguagens culturais novas em contato profundo com as tradições.

Loureiro (1995), referindo-se a um ensaio de 1984, no qual Benedito Nunes destaca a cultura em três níveis – individual, social e histórico –, a mesma permite compreender a composição das expressões também nos níveis artísticos, moral e intelectual das civilizações

constituídas ao longo do processo histórico, resultando nas produções sociais e culturais que reúnem em um conjunto as marcas e modos de proceder de um determinado povo. As terminologias e recortes feitos pelos estudiosos representam a complexidade da existência humana, estabelecendo as relações de reciprocidade das mais variadas formas de vida postas em prática e que constituem a dimensão cultural; sendo assim, as ações produzidas por essas três esferas constituirão o conjunto de elementos compreendidos como a cultura de um dado lugar, época ou comunidade que de alguma maneira se transmitirá a outros sujeitos.

Referindo-se à composição cultural amazônica, Mendes (2016, p. 74) pontua que “o universo amazônico é formado de seres, signos, fatos, atitudes que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação. Ele é formado por pescadores, indígenas, seringueiros, caboclos”. A integração entre os sujeitos, bem como suas relações com o meio social e natural, confere a esse lugar marcas de saberes distintas, resultantes do amálgama das tradições nordestina, indígena e cabocla compondo o mosaico de conhecimentos populares amazônicos.

O entrecruzamento das vozes culturais dos diversos povos possibilitou e possibilita a explicação das origens das coisas e do universo por meio das narrações míticas, embora fiquem lacunas por preencher, as construções imagéticas do sagrado e sobrenatural são tecidas por meio dos relatos transmitidos através das gerações. As presenças dos seres “encantados” nas narrativas tradicionais compõem a identidade cultural amazônica, sendo a tradição oral uma espécie de elo que liga o passado e o presente, retratando através dos mitos e lendas o inconsciente e as vivências sociais das comunidades, de acordo com o espaço físico e social em que estão inseridos.

Na atualidade, as narrativas míticas já não possuem um caráter sagrado para a compreensão do universo e dos elementos que o compõem; não que tenham se perdido totalmente com o passar do tempo, pois essas continuam sendo (re)contadas e se fazendo (re)conhecer por meio dos contadores de histórias nas comunidades tradicionais a até nas cidades, nos bairros onde habitam os sujeitos vindos das áreas rurais e que mantém esse tipo de costume. Tal prática hoje tem um caráter mais lúdico; é uma maneira de aguçar a imaginação e o devaneio por meio de relatos misteriosos e inexplicáveis pela razão.

O imaginário amazônico criador de diversas histórias, retrata os diferentes sentimentos e explica a existência e a origem do desconhecido, em sua essência sempre reportando a existência de tudo, às ações de entes sobrenaturais como criadores absolutos do universo. Segundo Eliade, (1972, p. 8)

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas do Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (ELIADE1972, p. 8).

Nesse sentido são os mitos as explicações dadas pelos povos primitivos para a origem de tudo que existe, pois, segundo tais relatos, são os entes sobrenaturais que atuaram para a o surgimento da vida no universo.

Para os povos andinos-amazônicos, a mitologia também explica a origem de animais, alimentos, fenômenos da natureza. De acordo com Miranda,

existem mitos sobre a origem da agricultura, se originam das façanhas, por exemplo, da raposa; o que o milho nasce das lágrimas que o sol derrama por rir até chorar, que a cutia (roedor da Amazônia), cultiva as castanhas para o homem; que as alpacas e as llamas saem da lagoa, que nas entranhas da natureza existem aldeias semelhantes onde a vida é pacífica, sem escassez ou cansaço (MIRANDA 2006, p. 36).⁵

A multiplicidade de elementos que compõem este vasto território, o modo de vida e de relação de seus habitantes com a natureza, foi registrado de maneira desafiante através de muitas gerações e nos chegam em formas de relatos recuperados.

A minha proposta é a de trabalhar com essas narrativas orais tradicionais amazônicas, que sobreviveram como uma espécie de resistência de muitas tradições que desapareceram em contato com os colonizadores europeus, buscando possíveis formas de usar tais relatos como instrumento de ensino de Língua Espanhola no ensino médio, apresentando narrativas tradicionais brasileiras e peruanas, com a intenção de que os alunos identifiquem as semelhanças ou diferenças entre as narrações orais tradicionais existentes no espaço Amazônico, com a intenção de despertar o sentimento de proximidade e estreitamento das fronteiras culturais por meio da literatura de tradição oral. Neste sentido, utilizarei além de outras fontes, a obra de Sugobono (1999) intitulada *Mitos y leyendas del amazonas* como apoio de pesquisa e suporte textual. Em seu trabalho, Sugobono (1999) apresenta narrativas

⁵ existen mitos sobre el origen de la agricultura, se originan de las hazañas, por ejemplo, del zorro; o que el maíz nace de las lágrimas que el sol derrama por reírse hasta llorar, que el añuje (roedor de la Amazonía), cultiva las castañas para el hombre; que de la laguna salen las alpacas y las llamas, que en las entrañas de la naturaleza existen pueblos similares donde la vida es apacible, sin carencias ni cansancios.

indígenas amazônicas; segundo o autor, tais relatos foram selecionadas a partir de obras clássicas de estudiosos da literatura local.

Para tanto é importante levar ao (re)conhecimento dos alunos o que vem a ser as culturas amazônicas, quais suas principais características e como essas se configuram na formação do imaginário amazônico. Através de leituras e análises, criar situações que ampliem o entendimento acerca da diversidade cultural existente nessa parte do Brasil, por meio de situações comparativas entre as manifestações culturais da Amazônia brasileira e peruana de modo a aguçar a sensibilidade dos estudantes, quanto à percepção das semelhanças e diferenças entre os mitos e lendas de ambos os territórios unidos pela mesma floresta, estabelecendo assim diálogos, leituras, e análises textuais com o enfoque no desenvolvimento da linguagem e fluência em Língua Espanhola.

Nesse sentido, as lendas e mitos (re)construídos, mediante a complexidade amazônica, expressam a grandiosidade territorial, a multiplicidade de crenças e divindades, e contribuem para a compreensão dos valores e sentidos atribuídos pelos povos locais à natureza, aos seres encantados que povoam o imaginário coletivo, seja no sentido religioso ou pedagógico que ainda preservem fragmentos das narrativas primevas. Assim sendo, a escola é o espaço propício para estudar, analisar, (re)conhecer e ampliar as possibilidades de aplicação das narrativas orais tradicionais como metodologia de ensino de Língua Espanhola como Língua Estrangeira.

Falar de imaginário e cultura amazônica, implica necessariamente mencionar as florestas e os rios. Nesses espaços convivem indígenas, seringueiros, castanheiros, agricultores, ribeirinhos, pescadores, comerciantes, funcionários públicos, representantes religiosos, artesãos etc. Esses sujeitos, sendo autóctones ou não, compartilham espaços, narrativas, saberes e crenças, (re)criadas a partir da realidade em que vivem. Para Loureiro (1995),

a cultura amazônica é, portanto, uma produção humana que vem incorporando na sua subjetividade, no inconsciente coletivo e dentro das peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que resultam em criações que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza (LOUREIRO, 1995, p. 70).

A constituição cultural amazônica bem como o imaginário, em sua maioria, é povoada por seres encantados ligados à água ou à selva, criados a partir da fusão entre culturas dos colonizadores e dos povos indígenas. Na atualidade, torna-se difícil definir qual

narrativa oral é genuinamente amazônica ou adaptada segundo as peculiaridades da região e de seus habitantes.

Os “caminhos aquáticos” formados pelos rios, bem como as trilhas abertas em meio à floresta que interligam comunidades e sujeitos, são palcos para o surgimento e realização do espetáculo produzido a partir do imaginário. Loureiro (1995, p. 121) pontua que,

os rios na Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. O rio é fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um etos e um ritmo à vida regional. Dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo.

A sinuosidade das águas conecta comunidades, ora turvas, ora pretas, calmas ou turbulentas, inspiram a criação das narrativas fantásticas dos seres encantados. Nas histórias contadas, esses seres são senhores absolutos do mundo aquático que encantam pessoas, protegem rios e lagos, afundam barcos e enfeitiçam jovens e viajantes, causando tormentos tanto em estrangeiros quanto nos sujeitos locais que creem nas interferências dos “encantados” no mundo real, situações essas evidenciadas nos relatos de experienciação de aparecimentos e ações diretas do sobrenatural na vida das pessoas. Como exemplo de narrativas em que evidenciam as manifestações das forças sobrenaturais dos seres encantados que habitam as águas. Cascudo (2006, p. 113) pontua que

a sorte dos peixes é patrimônio de Uaiará, que aparece transformado em boto (delfinida), tornando-se homem nas noites de festa, indo namorar as moças das ribanceiras que o apontam como sendo o pai do primeiro filho. Vezes as águas se iluminam e ouvem, no silêncio da noite, o rumor do bate-pé do baile que Uaiará está oferecendo aos seus amores no fundo escuro do rio.

De igual modo a floresta também é ambiente para tais manifestações: curupiras, batedor, caboclinhos da mata, matinta pereira e mapinguari, eles assombram e punem caçadores e forasteiros desavisados ou agressores das plantas e animais. Não são poucos os relatos contados por autóctones sobre as manifestações desses “entes sobrenaturais”. Conforme Campus (2017),

A floresta adquire importância semelhante à do rio, pois dela obtêm uma infinidade de recursos; No entanto, os mais importantes são a flora, a fauna e as terras, que possibilitam a economia da extração de madeira, caça, coleta e concessões de lotes agrícolas e campos de pastores. Assim como as espécies aquáticas, cada espécie terrestre tem sua própria história mítica, algumas são sagradas e sua proximidade

para obter benefícios é mediada pela realização de rituais prescritos pela tradição. (CAMPUS 2017, p. 41) ⁶

Ainda de acordo com Campus (2017), as florestas e os rios têm um espaço importante na construção do imaginário regional; nesse sentido, as narrativas contadas apresentam como personagens os seres encantados, agem como protetores das águas, dos peixes, das matas e dos animais, atuando assim por meio de suas manifestações no equilíbrio da relação do homem com a natureza. A crença nos seres encantados, perpassadas de geração em geração, por meio da tradição oral, estabelece costumes que em certa medida se tornaram leis de preservação da natureza, que são respeitadas de modo natural pela maioria dos sujeitos que habita o imenso território amazônico, embora estes não criam necessariamente nas interferências sobrenaturais, acabam incorporando os costumes estabelecidos pelos mais velhos.

A exemplo do exposto, de acordo com Cascudo (2006, p. 113-114),

no Pará, quando se viaja pelos rios e ouve-se pancada longínqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é o curupira que está batendo nas sapupemas, para ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima”.

Pode até ser uma ação do vento ao balançar alguma árvore, mas as narrativas locais relatam ser o barulho, manifestação do curupira.

Cascudo (2006) aponta que em relatos dos séculos XVI e XVII os missionários classificaram como demônios infernais todos os deuses das florestas tropicais. Ainda segundo o autor, o padre José de Anchieta faz o relato sobre os primeiros personagens aterradores e confusos das selvas brasileiras:

...certos demônios, a que os Brasis chamam CURUPIRA, que acometem os Índios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-nos e matam-nos...Por isso, costumam os Índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras cousas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos CURUPIRAS que não lhes façam mal...outros fantasmas, a que chamam IGPUPIARA, isto é, que moram n'água, que matam do mesmo modo os índios. (CASCUDO 2006. P. 114)

⁶ el bosque adquiere importancia semejante al del río, porque de él obtienen una infinidad de recursos; sin embargo, los más importantes son la flora, fauna y tierras, que posibilitan la economía de extracción de madera, caza, recolección y otorga parcelas agrícolas y campos de pastores. Igual que las acuáticas, cada especie terrestre tiene su propia historia mítica, algunos son de carácter sagrado y su proximidad para obtener beneficios está mediada de la realización de rituales prescritos por la tradición.

São estes os primeiros registros de como se dava a relação entre os indígenas e o sobrenatural, de como era a ligação existente entre os sujeitos e os seres encantados. O medo do desconhecido, o desaparecimento de pessoas tanto na floresta quanto nos rios, fizeram com que os indígenas acreditassem na existência de entidades místicas que puniam os humanos, e para aplacar a ira dos tais ofereciam em sacrifícios os mais diversos tipos de objetos.

As vivências dos sujeitos, de acordo com sua maneira de conceber e compreender a realidade em sua volta, evidenciam o modo como as narrativas do passado são concebidas no presente, contribuindo, portanto, para a manutenção do imaginário coletivo e das crenças na existência de “entes” encantados que protegem a natureza e punem seus agressores, sendo esse tomado como verdade ou não possibilita compreender a constituição cultural e imaginária da região amazônica, quanto ao surgimento e “veracidade” das narrativas orais, manifestas nas formas de mitos e lendas como representação do real maravilhoso, que envolvem com suas histórias tanto adultos quanto crianças.

Grande parte das manifestações dos seres encantados nas narrativas amazônicas tem como ambiente os rios e lagos, evidenciando a importância vital das águas não apenas para a sobrevivência e deslocamentos humanos, mas também para criação e preservação das tradições das narrativas orais. Os caminhos líquidos levam e trazem sonhos, costumes, tradições e culturas, integram realidade e ficção, são referenciais para o desenvolvimento social e localização espacial.

De acordo com Sugobono (1999, p. 6-7), “o majestoso rio Amazonas, com sua impressionante bacia [...] é um lugar magnífico para o nascimento de inúmeros desses mitos vindos por sua vez de inúmeros grupos aborígenes”⁷. O surgimento das narrativas orais tradicionais amazônicas é fruto da hibridez de culturas, inevitável mediante o contato do colonizador com o autóctone e vice-versa. O fundamento dos ritos, da moral e a compreensão do sagrado como poder que originou o mundo se manifesta nas (re)criações dessas narrações em que o natural e o sobrenatural coexistem a partir desses relatos, nos quais os mitos representam para algumas tribos nativas muito mais que histórias fabulosas, pois são símbolos do passado e de suas origens, e também uma forma de resgate da espiritualidade ancestral que está sendo esquecida nos dias atuais.

⁷ el majestuoso río Amazonas, con su impresionante cuenca [...] es un lugar magnífico para el nacimiento de innumerables de estos mitos provenientes a su vez de innumerables grupos aborígenes.

No presente momento, é importante reconhecer as narrativas tradicionais de origem indígena, mesmo não estando mais em seu estado “original” de criação, devido ao inevitável intercâmbio de culturas, estas permanecem sendo recontadas, adaptadas a cada realidade; nesse sentido precisam ser valorizadas quanto a sua importância histórica cultural não somente na composição das narrativas amazônicas, mas também na formação da literatura oral brasileira. De acordo com Cascudo (2006, p. 104),

as fábulas indígenas têm uma participação intensa na Literatura Oral Brasileira, mas sempre através da interpretação mestiça, mudados os termos, substituído o herói, trocadas as vezes as finalidades do conto por efeito da influência catequista. O mestiço transmite a fábula indígena aproveitando quando não contrarie sua maneira pessoal de viver, agir e compreender.

Cada grupo adapta as histórias de acordo com suas necessidades e vivências, tais práticas enriqueceu e enriquece a cultura popular, evidenciando a riqueza da multiplicidade cultural existente, podendo essas serem usadas para a formação dos jovens na compreensão de muitos costumes ou narrativas de seu entorno social. Ao abordar as narrativas orais tradicionais, estamos também falando de linguagens, de culturas e de valores, e como todas lendas e mitos possuem uma finalidade, possibilita também refletir sobre preceitos e costumes dos nossos antepassados e da sociedade atual.

Se tratando dos mitos e lendas como explicação do universo a partir das crenças e vivências da realidade dos grupos indígenas, Cascudo (2009, p. 104) pontua que

o indígena tudo explicava naturalmente dentro da vida assombrosa que vivia. Estrelas, manchas negras no céu, época das enchentes, chuvas, escuro da noite, animais, rios, viveram sob outra forma entre os indígenas, há muito tempo, quando só existiam os avós das cousas e entes atuais, o avô da tartaruga, o avô dos macacos, o avô dos mutuns. Depois de uma tragédia, meio escondida no esquecimento das tribos modernas, estes entes voaram, subindo, subindo para o firmamento e lá se transformaram em constelações.

A naturalidade das narrativas explicativas das origens sem a preocupação com o tempo cronológico e a racionalidade, bem como as ações sobrenaturais dos personagens que as compõem sobre o mundo físico, exemplificam como dentro dessas histórias os seres reais e sobrenaturais convivem de maneira natural, sem a necessidade de uma explicação racional para a existência e as relações entre ambos. Para Loureiro (1995, p. 57), os sujeitos amazônicos

libertos do espaço pelas asas do imaginário, através do qual explicitam e submetem, à sua medida, a noção de espaço, os homens estabelecem, em plenitude, sua relação com o tempo. Sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase como que absorvido pelo tempo, assumindo uma leveza que compensa as duras fainas jornadas na floresta e nos rios.

Os sujeitos amazônicos do interior, vivendo ao longo das margens dos rios e no seio da floresta, alguns que vivem em locais mais isolados estão praticamente fora do contexto cultural urbano, pois não possuem as mesmas preocupações da modernidade de consumo, já que as suas necessidades básicas como o alimento, por exemplo, são, na maioria das vezes, supridas pela abundância dos rios e das matas. Esse suprir não se aplica apenas à falta de alimentos ou de moradia, mas também, longe dos artefatos eletrônicos, possibilita preencher os vazios do silêncio das noites, por meio da contação de histórias por exemplo. Neste sentido, as narrativas orais, até certo ponto, orientam, as ações dos sujeitos que creem, ou que um dia acreditaram, nos seres encantados; não apenas em relação ao uso dos recursos naturais, mas também a compreensão do comportamento dentro dos grupos em que estão inseridos, ontem e hoje. De acordo com Mielietinski (1987, p. 40),

o mito codifica o pensamento, reforça a moral, propõe certas regras de comportamento e sanciona os ritos, racionaliza e justifica as instituições sociais. [...] não é apenas uma história narrada ou uma narrativa de significação alegórica, simbólica etc.; o mito é vivenciado pelos aborígenes como uma espécie de “escritura sagrada” verbal, de realidade que influencia o destino do mundo e dos homens.

A crença nas forças sobrenaturais, como regentes da vida humana e das forças da natureza, para o sujeito amazônico, é a representatividade do sagrado nas narrativas que envolvem o real maravilhoso. As populações tradicionais mesmo tendo incorporado costumes e conhecimentos de outras culturas, em parte cultivam certo respeito, ou o temor para com os seres encantados, pois, por meio de suas ações, esperam bênçãos ou punições. De acordo com Caillois (1988, p. 22), “é do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo êxito. O respeito que ele lhe testemunha é feito simultaneamente de terror e de confiança”. A confiança e o respeito nas divindades cultivadas em parte pelos sujeitos amazônicos são heranças dos antepassados, que guardam a reverência pelos entes sobrenaturais, mesmo sem saber exatamente como e quando surgiram tais crenças ou divindades.

Segundo Miranda, na concepção cosmogônica dos povos andinos-amazônicos, a vida humana é regida pela *Pachamama*, e o equilíbrio cósmico dependerá da forma como o

homem se relaciona com a natureza; para esses povos existe uma conexão espiritual entre humanos e os elementos da natureza, pois mundo real e sobrenatural se entrecruzam e fundem-se, não evidenciando a oposição entre o sagrado e o profano. Para estes,

Cada estação do ano está associada ao comportamento dos fenômenos atmosféricos, eles acompanham o regime de chuvas naturais que germinam a flora que por sua vez possibilita a vida das espécies animais. Ou seja, a concatenação dos movimentos dos corpos celestes com os atmosféricos conscientes pelo homem em seu conhecimento faz com que sejam criadas tecnologias para atividades produtivas artificiais ou conduzidas. Para organizar o calendário produtivo que você convive com a natureza, você aprende as qualidades e propriedades de tudo o que cerca o homem. Essas qualidades, propriedades e atributos atuam como signos naturais para a produção de bens e serviços que são relatados na tradição oral. (MIRANDA 2006, p. 36) ⁸

Segundo o autor, o imaginário criador das várias narrativas instiga o devaneio em que o real e o imaginário se fundem e (co)existem sem que haja uma explicação lógica para sua existência. As narrativas maravilhosas são pontos de fuga ou forma de tornar mais leve a dura realidade de trabalho e sobrevivência em meio ao isolamento geográfico, suprimindo a necessidade em compreender o desconhecido. Segundo Mielietinski, a mitologia para o homem primitivo possibilitava a compreensão do cosmos de forma ordenada e definida. Para ele,

a mitologia não só não se reduz à satisfação da curiosidade do homem primitivo, como a sua ênfase cognitiva está subordinada a uma orientação harmonizadora e ordenadora definida, voltada para um enfoque integral do mundo no qual não se admitem os mínimos elementos do caótico, da desordem. A transformação do caos em cosmo constitui o sentido fundamental da mitologia, e o caos compreende desde o início um aspecto axiológico ético. (MIELIETINSKI 1987, p. 196)

A mitologia amazônica reflete as características da região por meio das estórias de encantamentos e de manifestações do sobrenatural; também representa a riqueza da cultura oral, revelando assim a forma de compreender a natureza e explicar fenômenos até então inexplicáveis.

A mentalidade do caboclo amazônico, ao acessar outras fontes de transmissão de cultura e informações, como os aparelhos televisores por exemplo, dispensou crenças e

⁸ cada estación está asociada al comportamiento de los fenómenos atmosféricos, acompañan el régimen de las lluvias naturales que hacen germinar la flora que a su vez posibilita la vida de las especies animales. Es decir, la concatenación de los movimientos de los cuerpos celestes con los atmosféricos concienciados por el hombre en sus saberes hace que se creen las tecnologías para las actividades productivas artificiales o conducidas. Para organizar el calendario productivo se convive con la naturaleza, se aprende las cualidades y propiedades de todo lo que rodea al hombre. Estas cualidades, propiedades y atributos actúan como señas naturales para la producción de bienes y servicios que son relatados en la tradición oral.

ídolos, segundo Orico (1975) “elevou-se a outros polos de atração visual”. Na contemporaneidade temos as narrativas míticas representadas por meio de textos literários escritos na forma de relatos recuperados, e por meio das narrações dos contadores de histórias, que ainda cultivam o hábito de narrar os “causos” de manifestação do sobrenatural, mesmo com novas roupagens e adaptações inevitáveis, o pensamento fabuloso continua a (re)produzir os mitos e lendas.

4. ENTRE O BRASIL E O PERU: UMA LEITURA DAS MANIFESTAÇÕES DO MARAVILHOSO

En los tiempos de los orígenes, el sueño y la vigilia formaba parte de una misma realidad, la magia podía intervenir en la vida de las personas, la naturaleza era sagrada y la presencia de lo sobrenatural, constante.

Nahuel Sugobono

A cultura amazônica em suas narrativas orais tradicionais reflete o amálgama cultural que a compõe, pois o macro espaço geográfico denominado Amazônia comporta outras amazônias com características e normas próprias. A vastidão territorial e os costumes locais, numa combinação imprecisa e multifacetada, manifestam-se nos relatos de tradição oral, onde o maravilhoso ambienta os diversos causos narrados por contadores de histórias. Nestes os personagens são sempre seres sobrenaturais que habitam as águas e as florestas, incitando o imaginário em relação ao desconhecido por meio de narrações ambientadas desde o coração da floresta às profundidades dos rios.

Segundo Orico (1975, p. 118), “os animais, as plantas e os diversos acidentes da natureza incutiram nos núcleos primitivos, que povoaram a Amazônia, o mais espantoso arsenal de prenúncios, tótemes e assombrações”. É desse conjunto de elementos que se formam e se transformam as narrativas amazônicas. Ainda de acordo com Orico (1975) é natural do ser humano a tendência para a credence, sendo fácil acreditar no místico, no sagrado, no sobrenatural. Para o autor, é dessa natureza tendenciosa que,

se improvisam mágicos, feiticeiros, adivinhos, zahories, curandeiros, pajés, catimbozeiros, formas polidas ou bárbaras de um mesmo denominador comum: o fetichismo de espécie... Mais que qualquer outro ponto do país a Amazônia guarda o segredo étnico, a força plástica da terra mal subjugada, onde as águas derrubam as beiradas das margens, cindem a planície em pântanos, lagos e igapós, escrevendo no mapa verde da selva incessantes metamorfoses geográficas. (ORICO, 1975, p. 120-121)

As diversas histórias criadas sob um cenário misterioso, composto por planícies inundadas, rios caudalosos, florestas exuberantes e fechadas de uma região milenar, lendária e supersticiosa representadas em mitos e lendas, que tem o papel de explicar o inexplicável, preenchendo assim as lacunas existentes entre o “real” e o “irreal”. As vozes

coletivas reproduzem as crenças e medos, transcendem o espaço e o tempo possibilitando a outros povos, culturas e gerações conhecer as narrativas orais amazônicas. Desse modo, acessam-se os saberes, as crenças e ouvem-se as vozes dos muitos sujeitos envolvidos na construção desses discursos. Segundo Zumthor (1993, p. 241), “toda voz emana de um corpo, e este, numa civilização que ignora nossos procedimentos de registro e de reprodução, permanece visível e palpável enquanto ela é audível”. Para o autor, as diversas vozes culturais são responsáveis por perpetuar as literaturas populares, suas crenças e ensinamentos transmitidos de geração em geração, e permitem que o passado continue (re)existindo no presente, (re)construído nas memórias coletivas e individuais, conferindo a esse lugar características únicas e identidades específicas.

Os povos tradicionais amazônicos cultivam o respeito pelo desconhecido, embora, na contemporaneidade, não acreditem totalmente na existência dos seres encantados como o faziam anteriormente, ou seja, crendo nos mitos em seu sentido arcaico nos primórdios da história humana; ainda assim, as narrativas míticas e as explicações para existência do sobrenatural permanecem nos costumes amazônicos, tendo em vista que os autóctones ainda reproduzem narrativas relacionadas às manifestações dessas entidades encantadas; porém na atualidade, esses ganham novos contornos e novos elementos, adaptando-se como meio de resistência em suas múltiplas formas de representação.

As lendas amazônicas possuem grande influências das culturas indígenas, tanto no Brasil quanto no Peru e demais países que compõem o espaço cultural-geográfico denominado Amazônia, neste cada canto e povo possuem suas histórias, suas explicações para a origem dos elementos que fazem parte de seu entorno, seja real ou imaginário. Na atualidade, as lendas e mitos amazônicos transmitidos pelos grupos não indígenas são propaladas em língua portuguesa ou espanhola, mas ainda assim conservam palavras próprias das línguas originárias de seus primeiros narradores. Na Amazônia brasileira, é perceptível a influência do grupo indígena Tupi, nos termos referentes aos significados e origens dos nomes dos personagens mitológicos. De acordo com Cruz e Simões, são de origem Tupi designações como

Anhangá – a'ñanga. Trata-se de um protetor da flora e da fauna.

Caipora – ka'a 'mato' + 'pora' habitante de. Ente sobrenatural que trazia infelicidade a quem o via; indivíduo que traz má sorte a seus semelhantes.

Curupira – kuru'pira. Ser fantástico que vive na selva. Dizem ser uma criatura baixinha com os pés voltados para trás; sua função é proteger a flora e a fauna.

Matintaperera – matintape're, sinónimo de saci. Dizem ser uma velha que se transforma em ave que tem um canto forte na noite de lua cheia.

Iara - yara ‘senhora’. É a mãe dos rios. (CRUZ e SIMÕES, 2013, p. 106)

As narrativas amazônicas peruanas por sua vez apresentam forte influência da língua Quéchua. Segundo Cruz e Simões, as influências indígenas são exemplificadas nos termos como

Chullachaqui – chulla ‘desigual’, *chaqui* ‘pie’. Pé desigual. Ser mitológico que habita a selva; tem as características de um duende baixinho com os pés de um animal; é o protetor da selva.

Sacharuna – sacha ‘monte’, *runa* ‘diablo’. Diabo do monte. O espírito maior dos montes; pode trazer sorte ou azar a pessoa que vai a caçar na selva.

Yacumama – yaku ‘água’, *mama* ‘madre’. Mãe da água. Em algumas narrativas ela aparece como uma cobra gigantesca.

Yacuruna – yaku ‘água’, *runa* ‘diablo’. Demônio da água. Homem que vive nos rios e protege a todos os animais aquáticos. (CRUZ e SIMÕES, 2013, p. 106)

A oralidade possibilitou que os mitos antigos fossem transmitidos de geração a geração, sendo possível hoje acessá-los e conhecê-los, seja sob a forma escrita ou da própria oralidade propagado por meio de plataformas audiovisuais da atualidade. As palavras de origem indígena que os compõem apontam para suas origens; são estas o elo entre o passado e o presente, entre a moderno e o tradicional. De acordo com Martín-Barbero (1997, p.142), a produção cultural das classes populares confere a essas a possibilidade de comunicar sua memória e experiência.

Utilizar as narrativas orais tradicionais como instrumentos de ensino em sala de aula confere a essa herança a valorização das memórias culturais, muitas vezes ausentes das bibliotecas e dos espaços de ensino. Conforme Martín-Barbero,

há uma literatura que, ausente, por inteiro das bibliotecas e livrarias de seu tempo foi, contudo, a que tornou possível para as classes populares o trânsito do oral para o escrito, e na qual se produz a transformação do folclórico em popular. [...] Escritura portanto paradoxal, escritura com estrutura oral. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 142)

Os gêneros de base oral devem também ser trabalhados à sala de aula por meio de leituras, debates, reescritas, comparações com outras narrativas sejam nacionais ou estrangeiras. Como metodologias de ensino que busquem despertar ou reafirmar os conceitos de identidade cultural, valorizando assim os conhecimentos e tradições locais. Sob a perspectiva de pensar em práticas de ensino-aprendizagem de língua espanhola a

partir dos gêneros orais regionais, destaco, portanto, os mitos e lendas amazônicas como possibilidades de trabalhar o ensino de tal idioma.

O espaço amazônico em sua vastidão territorial, abriga uma infinidade de saberes, crenças e povos resultantes da miscigenação racial e cultural. Essa mistura de costumes, vozes e credos resultam em produções de narrativas maravilhosas, em que o imaginário local devaneia e constrói cenários únicos de convivência entre os seres reais e os encantados. Levando em conta os aspectos particulares de cada povo e lugar na imensidão do espaço geográfico denominado Amazônia, é possível listar uma infinidade de seres encantados, personagens das mais diversas narrações, dotados de poderes que, segundo as crenças nativas, exercem influência direta no cotidiano das pessoas sem provocar estranhamento ou pavor.

Segundo Chisté (2010, p. 263), a identidade amazônica se constrói, a partir da subjetividade dos sujeitos envolvidos nos mistérios que permeiam as relações evolutivas entre homem e natureza. “Identidade essa fundada no autorreconhecimento, na autoestima, na consciência do próprio valor”. Essa dita cultura é apresentada por Loureiro (2001), como uma produção humana, resultante das relações entre os sujeitos e o meio em que vivem. Segundo o autor,

A cultura amazônica é, portanto, uma produção humana que vem incorporando na sua subjetividade, no inconsciente coletivo e dentro das peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza. (LOUREIRO 2001, p.80. *Apud* CHISTÉ 2010, p. 263)

Em boa parte da Amazônia ribeirinha/rural, as relações com a natureza é o parâmetro que guia a vida e determina as relações humanas com o ambiente em que vivem, esses são guiados por percepções palpáveis como o fluxo das águas dos rios, os ventos, a chuva, as estações de cheias e estiagem, estabelecendo convivências entre a realidade e o imaginário local.

Na Amazônia peruana, segundo Campus (2017), os seres mitológicos como *el chuchallaki*, *el tunche*, o “maligno”, *la yacumama*, *el yacuruna*, entre outros seres que povoam as narrativas maravilhosas, demonstram, por meio dos relatos autóctones, a “veracidade” do sobrenatural, e como esses intervêm no mundo real, regulando as relações do homem com a natureza, ora sendo protetores das aves, peixes e florestas, ora

disciplinando os incautos que fazem mau uso dos recursos naturais; assim sendo, cada elemento da natureza possui divindades protetoras.

Para os nativos da Amazônia peruana, *el yacumama* é uma divindade das águas personificada em uma grande cobra preta; para eles é a mãe protetora dos rios, vivendo nas profundidades das águas, pois possui grandes poderes representando a força incontrolada dos rios. Tal descrição *del yacumama* nos remete a *Boiúna*, um dos personagens do fabulário indígena brasileiro que povoa o fundo dos rios da Amazônia. Segundo Loureiro (1995), seu nome, de origem indígena, significa cobra preta: *mboi*=cobra, *una*= preta. Segundo Orico (1975), a *Boiúna* sendo um dos mitos aquáticos da Amazônia

aparece sob diferentes feições. Ora, como cobra-preta. Ora como uma cobra grande de olhos luminosos como dois faróis. Os caboclos anunciam sua presença nos rios, lagos, igarapés e igapós com a mesma insistência com que os marinheiros e pescadores da Europa acreditam no monstro do lago Loch-Ness. A imaginação Amazônica mais floreada e portentosa, criou para o nosso mito propriedades fantásticas; a boiúna tem mais faculdades e recursos do que um Frégoli, podendo metamorfosear-se em embarcação *de vapor* ou de *vela* e ir da forma de ofídio a de navio ou galera, para mais atrair e desorientar as suas vítimas. (ORICO 1975, p.139)

Como elemento das encantarias, a *Boiúna* transfigura-se em diversas personalidades: é a mãe-d'água protetora dos peixes e rios, é o pai de Norato Cobra Grande, um rapaz bondoso encantado em cobra, que protege os barcos, os pescadores e os viajantes de sua irmã Maria Caninana, também encantada em cobra que, ao inverso do irmão, é má e perigosa.

Segundo Loureiro (1995), a *Boiúna* também é representada e transfigurada em navio iluminado. De acordo como o autor, “a lenda da *Boiúna*, como *Cobra Grande* transformada em navio iluminado, é a transmissão visível do esplendor do rio”. (LOUREIRO, 1995, p. 223) Assim sendo, é possível perceber que entre as narrativas amazônicas de ambos os países há semelhanças nas composições narrativas que fazem parte da cultura dessa região, sendo estas a base para a (re)existência de tradições e crenças primitivas. Segundo Oviedo, os povos primitivos

queriam testemunhar a sua presença no cosmos e manter com ele uma relação harmoniosa; tudo tinha um significado misterioso para eles, tudo era uma cifra de sua origem e de seu destino. Isso deu origem a uma série de expressões e

formas de criação verbal que podem ser associadas a fenômenos literários (poéticos, narrativos, dramáticos, etc.). (OVIEDO, 2011, p. 31.)⁹

Para Campus (2017, p. 49), a crença nos encantados da Amazônia, embora que de forma superficial, reproduz por meio das histórias relatadas as crenças no sobrenatural. Conforme o autor, o relato de Florencio, um pároco da região do rio Napo-Peru, representa essa forma de crença que se adapta com o tempo, mas que mantém a essência primeira do mito ou lenda como explicação do desconhecido:

... mesmo que pareça mentira, tem que respeitar a natureza. Assim como há vida na superfície, também há vida debaixo d'água, diz-se que haveria aldeias, então ocasionalmente em certas noites você vê que um barco emerge das profundezas do rio, navega e quando você está observando ele submerge e desaparece nas profundezas. (CAMPUS, 2017, p. 49)¹⁰

As águas escuras e profundas dos rios instigam o devaneio, o imaginário humano nutrido pelo temor ao desconhecido, resulta na criação de narrativas maravilhosas. Ainda segundo Campus em relação às explicações para a origem de fatores naturais, os nativos da Amazônia peruana atribuem o surgimento de redemoinhos d'água, comuns nos rios amazônicos; a movimentação *del Yacumama* nas profundezas dos rios, os nativos explicam que *el Yacumama*: “cuando se mueve puede generar grandes *muyunas* (remolinos de agua) que pueden engullir a las embarcaciones y sus tripulaciones; pueden hacer que las aguas aparezcan como si hirvieran y luego “revientan” y forman nuevos remolinos”. (CAMPUS, 2017, p. 51) Os autóctones explicam o surgimento de redemoinhos de águas e o afundamento de embarcações como sendo ações dos seres encantados, que agem diretamente no mundo real.

Nesse sentido, as lendas e mitos amazônicos retratam a percepção dos antepassados em relação ao mundo e às suas vivências, mesmo com as modificações inevitáveis por meio do contato com outras narrativas e, havendo incorporado novos aspectos a esses discursos, predominam as manifestações do maravilhoso próprio das

⁹ querían testimoniar su presencia en el cosmos y conservar una relación armónica con él; todo tenía para ellos un sentido misterioso, todo era una cifra de su origen y de su destino. Esto dio origen a una serie de expresiones y formas de creación verbal que pueden asociarse a los fenómenos literarios (poéticos, narrativos, dramáticos, etc.).

¹⁰ aunque parezca mentira hay que tener respeto por la naturaleza. Así como hay vida en la superficie también hay vida debajo del agua, se dice que habría pueblos, por eso ocasionalmente en ciertas noches se ve que una embarcación emerge de las profundidades del río, navega y cuando estás viendo se sumerge y desaparece en las profundidades.

mitologias amazônicas, que se mantiveram por meio da tradição oral. Segundo Rodrigues (1988),

o termo *maravilhoso* é derivado de *maravilha*, que vem do latim *mirabilia*, um nominativo neutro, plural de *mirabilis*. Refere-se a ato, pessoa ou coisa admirável, ou a prodígio [...]. Na teoria literária, porém, é um termo historicizado. Chamamos de *maravilhoso* a interferência de deuses ou de seres sobrenaturais na poesia ou na prosa (fadas, anjos etc). (RODRIGUES, 1988, p. 54)

No cenário da realidade imaginária amazônica, as manifestações dos seres encantados são naturalizadas, bem como a interferências de tais seres no mundo real, sem provocar estranhamento, sendo então muitos os “causos” que vão desde experiências pessoais ao recontar o que ouviu de outros, pois tais relatos comportam explicações sobre a criação e a origem do mundo amazônico, e a existência de seres sobrenaturais. De acordo com Araújo (2021),

As lendas e histórias da selva são protagonizadas por seres e/ou eventos misteriosos, considerados verdadeiros pelos habitantes que habitam o maravilhoso universo amazônico. A partir da experiência pessoal dos povos que habitam o coração da floresta, que lhes dão rosto ou os interpretam, florescem as narrativas que se fundem e se confundem com a realidade, [...] fornecem explicações sobre a criação, a relação do homem, dos animais e da natureza, lendas que explicam a origem de diferentes povos, suas tradições, sua cultura e tudo o que isso implica. (ARAÚJO 2021, p. 45)¹¹

Nesse sentido, as narrativas orais compõem o cartão de identidade amazônica, impregnadas de acontecimentos sobrenaturais, pois transmitem ideias, crenças e elementos expressos que sob a forma de narrativas maravilhosas, apresentam as vivências amazônicas, por meio de personagens constituídos por elementos do passado e do presente, conforme pontua Araújo (2021):

... através de histórias vivas e vividas, tornadas conhecidas a partir da subjetividade e adquirem caráter maravilhoso. É uma literatura em que o real e o imaginário se fundem e se confundem, tornando impossível saber, com certeza, o quão verdadeiro ou fantasioso é o que prevalece, que os narradores costumam ser testemunhas pessoais da narrativa, o que agrega valor incalculável. Tudo isso

¹¹ las leyendas e historias de la selva son protagonizadas por seres y/o acontecimientos misteriosos, considerados como verdaderos por los habitantes que habitan el maravilloso universo amazónico. De la experiencia personal de los pueblos que habitan el corazón de la selva, que les ponen cara o las interpretan, florecen las narrativas que se funden y se confunden con la realidad, [...] aportan explicaciones referentes a la creación, a relación del hombre, animales y naturaleza; leyendas que explican el origen de diferentes pueblos, sus tradiciones, su cultura y todo lo que ello conlleva.

através da memória, composta por imagens e memórias que transcendem o tempo e o espaço. (ARAÚJO 2021, p. 50)¹²

Marisa Khalil (2015, p.139) pontua que “o real maravilhoso emerge de uma localização gerada pela geografia de uma terra totalmente repleta de mistérios”. A autora aborda o maravilhoso pela perspectiva de Alejo Carpentier, precursor do termo referente aos elementos das narrativas latino-americanas. Segundo Khalil, o maravilhoso deve ser compreendido como uma realidade integrada ao um ato de fé e para entendê-lo é necessário ter uma crença, tendo em vista que os elementos presentes nas narrativas amazônicas não provocam estranhamento a ponto de causar o medo e o afastamento, mas desperta um sentimento de respeito e temor pelo que se acredita ser sagrado.

Para Chiampi (2008), o maravilhoso não tem uma explicação racional, pois alcança uma dimensão além da compreensão humana; é através do fabuloso que as manifestações do sobrenatural são compreendidas, segundo ela,

maravilhoso é o “extraordinário”, o “insólito”, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a *maravilha*, do latim *mirabilia*, ou seja, “coisas admiráveis” (belas ou execráveis, boas ou horríveis), contrapostas à *naturalia*. Em *mirabilia* está presente o “mirar”: olhar com intensidade, ver com atenção ou ainda, *ver através*. O verbo *mirare* também se encontra na etimologia de milagre – portento contra a ordem natural – e de miragem – efeito óptico, engano dos sentidos. O maravilhoso recobre, nesta acepção, uma diferença não qualitativa, mas quantitativa com o humano; é um grau exagerado ou inabitual do humano, uma dimensão de beleza, de força ou riqueza, em suma, de perfeição, que pode ser *mirada* pelos homens. Assim, o maravilhoso preserva algo do humano em sua essência. A extraordinariedade se constitui da frequência ou densidade com que os fatos ou os objetos exorbitam as leis físicas e as normas humanas. Em sua segunda acepção, o maravilhoso difere radicalmente do humano: é tudo o que é produzido pela intervenção dos seres sobrenaturais. Aqui já não se trata de grau de afastamento da ordem normal, mas da própria natureza dos fatos e objetos. Pertencem a outra esfera (não humana, não natural) e não têm explicação racional. (CHIAMPI, 2008, p. 48)

Ainda sobre as manifestações do maravilhoso, Chiampi (2008) destaca as interações humanas como meios de resgate, das crenças, da magia e de todos os elementos reprimidos pela racionalidade humana, na dimensão possibilitada pelo próprio maravilhoso em que o real e o sobrenatural são tratados de forma igualitária, onde os mitos e lendas exercem um papel importante nessa interação. Segundo a autora,

¹² a través de relatos vivos y vívidos, dados a conocer desde la subjetividad y adquieren carácter maravilloso. Se trata de una literatura en la que lo real y lo imaginario se funden y se confunden, resultando imposible saber, a ciencia cierta, cuán verdadero o fantástico es lo que prevalece, que los narradores suelen ser testigo personal de la narrativa, lo que agrega valor incalculable. Todo ello a través de la memoria, compuesta por imágenes y recuerdos que trascienden el tiempo y el espacio.

o papel da mitologia, das crenças religiosas, da magia e tradições populares consiste em trazer de volta [...] o familiar coletivo, oculto e dissimulado pela repressão da racionalidade [...]. A capacidade do realismo maravilhoso de dizer a nossa atualidade pode ser medida por esse projeto de comunhão social e cultural, em que o racional e o irracional são recolocados igualmente. (CHIAMPI, 2008, p. 48)

A exemplo dessas manifestações, temos o mito do Curupira na Amazônia Brasileira e seu correspondente el Chullachaqui na Amazônia peruana. Entre as diversas metamorfoses e designações, trata-se sempre de uma entidade protetora da floresta e dos animais silvestres, de espírito burlesco e enganador; ora é descrito como esquisito, brutal, delicado e às vezes inocente, não apenas por sua aparência de criança, mas por se deixar enganar com “armadilhas” feitas em rodinhas de cipó e espalhadas pelos caçadores para entretê-lo e escapar, para então usufruir dos benefícios da floresta, como a caça por exemplo, sem o medo de serem surpreendido pelos castigos do protetor dos animais da floresta.

De acordo com Orico (1975, p. 75), o termo *Curupira* significa corpo de menino, sendo *curu* a abreviação de *curumi* e *pora*, corpo. Segundo o autor, o Curupira é um ser andrógino que se transmuta em qualquer ser vivo. É a mãe do mato, o gênio protetor da floresta, ser bondoso ou maléfico para com os humanos conforme seus procedimentos, castigando aos que destroem a mata e abençoando aos que retiram da natureza somente o necessário.

Segundo o site *Maestrovirtuale.com*, o nome *Chullachaqui* é de origem Quéchuá e significa pé diferente, chaqui – pé e *chulla* – diferente, sendo o pé esquerdo oposto ao direito. Ainda conforme Orico (1975),

entre os mitos brasileiros é incontestavelmente o mais antigo o do Curupira, companheiro inseparável das crenças populares. [...] ...se admite a possibilidade de ser verdadeiramente indígena, se não antes legado pela população primitiva que habitou o Brasil no período pré-colombiano e que descendia dos invasores asiáticos. Por essa hipótese teria passado dos Naúas aos Caraíbas e destes aos Tupis e Guaranis. (ORICO, 1975, p. 74)

Cada região atribuiu características específicas ao Curupira, pois, segundo Orico (1975, p.75), é conhecido também como Caapora e na Bahia sofre transformação por completo: o ser andrógino recebe nome e características femininas; este é denominada Caiçara, uma cabocla pequena que anda montada em um porco da mata. Segundo o autor

(1975, p. 75), “o Curupira foi sofrendo as inevitáveis influências do meio por onde se estendeu, adquirindo novas feições e ganhando novos atributos”. É descrito pelos primeiros cronistas como ser dotado de contraditórios aspectos, já que sua aparência e atitudes variam de acordo com a localidade que narra seus feitos:

Para a crença geral, confirmada pelas inúmeras lendas em que aparece, é o senhor, a mãe, o gênio protetor das florestas e da caça, que castiga aos que destroem, premiando muitas vezes àqueles que o não contariam ou se mostram solícitos e obedientes. São os mais contraditórios os aspectos em que surge. Ora é imperioso, esquisito, brutal, ora é delicado, tolo e compassivo; ora não admite desrespeito ou desobediência; ora se deixa iludir como uma criança. Em cada região aparece com um feito, variando de atitude quando varia de localidade. (ORICO 1975, p. 75)

Sendo Curupira ou Chullachaqui, as lendas e mitos se metamorfoseiam de acordo com as circunstâncias e subjetividades do local em que se narra, incorporando novos aspectos e elementos locais; tais mudanças são características das literaturas de tradição oral, segundo Orico (1975, p. 76), são as metamorfoses que o constituem o que possibilita o “Curupira surgir sob diferentes nomes: na Venezuela, o *Maguare*; na Colômbia, o *Selvaje*; no Peru, o *Chullachaqui*; na Bolívia, o *Kaná*; nas florestas da serra de Roraima, o *Pokai* dos *Makuchis* etc.”

As múltiplas representações de narrativas acerca do Curupira, ora relatada como lenda, ora como mito, exemplifica as modificações sofridas pelas narrativas por meio da transmissão oral. Este ser, de contraditórios aspectos e comportamentos, pode aparecer sob qualquer forma, variando suas atitudes e aparência de acordo com a localidade; conforme Cascudo (2006), para os nativos, o curupira é inimigo terrível, pois engana os caçadores para que se percam na mata, transformando amigos ou familiares dos mesmos em animais e, quando são abatidos, voltam a sua forma humana. Ainda conforme Cascudo (2003, p. 122), “os contos de caçadores vítimas do curupira são contos de todos os dias no meio indígena dos moradores tanto do rio Negro como o Solimões, Amazonas e seus afluentes”.

Observando as diversas representações do Curupira, vale mencionar um dos conceitos dado ao mito por André Jolles (1976). O autor vê no mito uma forma fechada, sendo esse a resposta do universo para os fenômenos desconhecidos; segundo Jolles “o homem *pede* ao universo e aos seus fenômenos que se lhe tornem conhecidos; recebe então uma *resposta*, recebe-a como *responso*, isto é, em palavras que vêm ao encontro

das suas [...] o universo e seus fenômenos se fazem conhecer”. (1976, p. 88). Diferente de Jolles, Bricout (2003) fala da juventude e da multiplicidade de certos mitos que, por meio de disfarces e constantes interrogações feitas de geração em geração, permanecem jovens e se reinventam, sendo as possibilidades de apresentar-se sob diferentes roupagens: o ponto salutar para a sobrevivência dos mitos com o passar do tempo, reconduzindo-nos a nossa infância, reativando memórias por vezes esquecidas. Segundo Bricout (2003, p. 24), “essa juventude nos reconduz à nossa infância, nos perturba e nos seduz”.

As inquietações e encantamentos provocados nos ouvintes pelas narrativas maravilhosas, manifestas nas lendas e mitos amazônicos, possibilita que estas mantenham-se sempre jovens, atuais e instigantes; não são poucos os relatos contados por “caboclos” amazônicos sobre as experiências vividas e ouvidas, os quais relatam sempre sobre as manifestações dos seres sobrenaturais que povoam o imaginário das diversas comunidades e povos que habitam esta vasta extensão de terras, águas e florestas.

Compreendendo as narrativas amazônicas sob o viés de uma cosmovisão primitiva, como produção de saberes e crenças que surgem no imaginário local, as narrativas tradicionais resultam em produto cultural e compõem as identidades comunitárias.

Os muitos relatos dos nativos que narram experiências vividas com o os seres sobrenaturais como Curupira, Iara, Boto, Yacuruna, Sachamama, Mapinguay, entre outros, dentro da realidade das narrativas amazônicas, exemplificam a pluralidade de crenças no sobrenatural, cujas mesmas são relatadas como algo real, que ultrapassa o campo do imaginário; o fato de torná-las reais ou crer na veracidade dos fatos narrados, dependerá da fé de quem está ouvindo.

Pensando nessas narrativas como produções culturais e imaginárias, próprias do espaço amazônico, é que proponho levá-las para a sala de aula, como uma estratégia metodológica a mais para contribuir com o ensino de língua espanhola. Proporcionar reflexões sobre essas narrativas enquanto identidade cultural; instigar os alunos a compreender a relação do maravilhoso para com a cultura tradicional amazônica entre o Brasil e o Peru, valorizando, assim, nossa identidade regional, as vozes que muitas vezes são silenciadas por conta da evolução da sociedade que, a cada dia, está mais automática, onde tudo é instantâneo, veloz e sem conexões. As narrativas da selva estão e são latentes, conforme pontua Días (2016, p. 4): “... São muito mais do que meros documentos de cor

local e carimbo regional. Nelas, há, de fato, uma reflexão sobre os vínculos entre os seres humanos e a natureza.”¹³. Conhecer as lendas e mitos Amazônicos é conhecer nossa formação sociocultural, decifrando o passado e compreendendo o presente com uma ideia mais viva sobre o espírito nativo criador das amazônias.

¹³ son mucho más que meros documentos de color local y estampa regional. En ellas se encuentra, de hecho, una reflexión acerca de los vínculos entre los humanos y la naturaleza.

4. LIMITES E ULTRAPASSAGENS NA CONSTRUÇÃO DIDÁTICA DO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA NO ENSINO MÉDIO

*Mais do que instrumento de comunicação
E expressão de ideias e conhecimentos,
a língua põe em questão o real e o imaginário,
os conceitos e argumentos, interroga o
seu sentido e gênese.*
Ildu M. Coêlho

Nós professores estamos diante de um novo fenômeno, por meio de um cenário onde os aparatos tecnológicos ocupam espaços significativos na vida dos alunos; o acesso instantâneo a uma infinidade de informações, de modo acelerado, tem predominado e nos deixado no “automático”. Nessa realidade criada e moldada pela cultura de divulgação massiva, na qual todas as informações são compartilhadas muito rápido, tudo é instável e passageiro, diante dessa realidade somos desafiados a buscar novos meios para despertar no aluno o interesse pela leitura e escrita.

Ao tratarmos dos processos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, é importante pensar pelo viés de propostas metodológicas que sejam significativas para os alunos. Desse modo apresentar temas relacionados à região na qual os educandos estão inseridos, como prática de ensino, contribui para o desenvolvimento das habilidades esperadas a serem adquiridas e aperfeiçoadas ao longo do processo escolar, além de destacar a importância de valorizar a cultura a qual o aluno pertence e assim levá-lo a entender a sua constituição identitária, construída por meio de práticas e memórias do passado, que se perpetuam como herança no presente.

Nesse sentido, as narrativas orais como os mitos e lendas da Amazônia são ferramentas que contribuem como metodologia de ensino de ELE de modo estimulante, colocando o aluno como sujeito participativo nos processos educativos. Trabalhar com elementos culturais regionais, e assim instigar os discentes a refletir e conhecer mais de sua própria cultura a partir do outro, e desse modo, ampliar seus conhecimentos de mundo, bem como desenvolver as habilidades de escrita, fala, audição e leitura em língua estrangeira, com o objetivo de enfatizar a necessidade de compreensão das construções sintáticas na língua meta, por meio de comparações com a língua portuguesa, no sentido de também observar como se dá a construção literária, tendo como texto base as narrativas

míticas, é uma das muitas formas de se trabalhar como temas locais, trazendo-os para a sala de aula como ferramenta de ensino-aprendizagem.

De acordo com Celada (2011, p. 11), ensinar língua estrangeira “não se trata apenas de estudar gramática, se trata também de afinar a escuta, de estar atento e de reparar na língua, de olhar para suas formas de dizer e de se deixar capturar por elas”. Pensando assim, o professor é desafiado a direcionar o aprendiz a entender e apropriar-se da língua meta como ferramenta de comunicação que ultrapassa as fronteiras das “gramáticas”, represento o termo gramática no plural por entender que são plurais os modos de comunicar-se, embora compreenda e defenda a normatização da língua como necessária para a produção de textos escritos e orais, é importante o olhar atento para as formas como as literaturas orais são (re)construídas, e como essas dizem sobre a cultura de cada povo que a (re)produz.

Somos movidos pelo imaginário, e desafiar a criatividade dos alunos a partir da escuta, da leitura e da escrita, sobre suas realidades, se apresenta também como instrumento político pedagógico, que norteia o ensino a partir de narrativas regionais, conferindo a esses sujeitos a oportunidade de compartilhar seus saberes, falas e escritas sobre suas vivências e suas memórias. Pensado desse modo, o ensino-aprendizagem ultrapassa a decodificação textual e normas gramaticais; a fala dos educandos é, portanto, legitimada. As vozes referentes ao imaginário local, representadas sob a forma de rezas, assombrações e contatos com o sobrenatural também são ouvidas. Esse saber escutar o outro deve partir não apenas dos alunos, mas também do professor. De acordo com Blanco (2021),

é fundamental que os professores de línguas estrangeiras compreendam o ambiente cultural, social e linguístico de seus alunos, de modo a auxiliar no entendimento dos processos comunicacionais característicos do contexto em que se processa o ensino, operando, assim, como redes de relacionamento. Essas são condições essenciais para que diferentes práticas de linguagem ocorram de maneira eficaz e satisfatória. (BLANCO 2021, p. 19)

Partilhar experiências narrativas sobre a literatura oral amazônica, é uma das formas de nos aproximar de nossos antepassados por meio das práticas de linguagem, e refletir sobre nossa existência enquanto seres culturais.

As narrativas orais nas aulas de ELE serão trabalhadas seguindo as orientações pelo viés da Abordagem Comunicativa, a qual, segundo Gargallo (2009, p. 31), “aborda o estudo da língua em uso e não como sistema descontextualizado”. Ainda de acordo com

a autora (GARGALLO 2009 p. 33), a referida abordagem de ensino de línguas, se subdivide em quatro subcompetências sendo respectivamente: *Subcompetência gramatical*; segundo essa, o sujeito é levado a conhecer e desenvolver a capacidade de “usar corretamente os elementos dos sistemas e suas múltiplas combinações: fonemas, estruturas gramaticais, vocabulário etc.” *Subcompetência sociolinguística*, refere-se à habilidade relacionada ao comportamento linguístico de acordo com o contexto sociocultural; *Subcompetência discursiva*, que se refere aos diferentes tipos de comunicações e discursos, sejam orais ou escritos (narração, ensaio, descrição etc.), de forma coesa e coerente; *Subcompetência estratégica*, essa última está relacionada às estratégias utilizadas pelos sujeitos para compensar as dificuldades que surgem nos processos de comunicação.

As orientações e campos de atuação das subcompetências acima citadas buscam fomentar a autonomia do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Para Gargallo (1999), as estratégias de aprendizagem de uma segunda língua, devem levar em consideração a autonomia dos sujeitos quanto aos modos que facilitem o aprendizado de uma língua estrangeira, bem como a individualidade dos aprendizes, cada um a seu tempo e, de acordo com a estratégia adotada, aprende-se “conforme sua personalidade, experiência prévia, seu conhecimento de mundo e sua procedência cultural, entre outros”. (GARGALLO 1999, p. 39)

4.1 O lugar das narrativas regionais no currículo escolar de ensino médio no estado do Acre

Seguindo o que diz a Linguística Aplicada no sentido de atribuir ao professor o papel de orientador dos processos de ensino e aos alunos uma maior autonomia na construção do ensino-aprendizagem, o Currículo de Referência Único do Acre – Ensino Médio 2021, orienta que o ensino “garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem”. (Currículo de Referência Único do Acre - Ensino Médio 2021, p.21)

O mesmo documento apresenta a Língua Espanhola como parte integrante do chamado itinerário formativo, sendo então de oferta obrigatória, embora a dita disciplina não esteja inserida na Base Nacional Comum Curricular-BNCC como língua estrangeira

de oferta obrigatória, o Currículo de Referência Único do Acre para o Ensino Médio, aponta que,

o ensino de Língua Espanhola no Estado do Acre, torna-se essencial pela relevância desta para o estado, tendo em vista as fronteiras existentes com os países que possuem como língua oficial o espanhol e toda relação social e cultural que o Acre possui com essas nações. (Currículo de Referência Único do Acre - Ensino Médio 2021, p. 70)

Nesse novo currículo, a disciplina de Língua Espanhola no Ensino Médio é ofertada apenas no segundo ano, no entanto as orientações para a organização curricular abrem um leque de possibilidades para se trabalhar a dita disciplina, deixando a critério do professor o “como” irá trabalhar, atendendo as orientações presentes nos documentos norteadores de preparação dos conteúdos a serem ensinados.

O Currículo de Referência Único do Acre para o Ensino Médio, com o objetivo de desenvolver as competências específicas dessa área de ensino orienta que, dentre outras práticas, sejam desenvolvidas atividades que direcionem o aluno a “compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social”. (Currículo de Referência Único do Acre - Ensino Médio 2021, p. 179) Como objeto de conhecimento a ser explorado em sala de aula o dito documento orienta também que sejam trabalhados “textos multissemióticos e multimodais como as HQs, tirinhas, charges, cartoons, memes, propagandas, fábulas”. Tomo a liberdade de acrescentar a esta lista os mitos e lendas, pois tais tipologias textuais se apresentam como textos multimodais resultantes das práticas culturais.

Tais tipologias textuais também podem ser trabalhadas para que os alunos compreendam e tenham acesso aos diversos gêneros produzidos pela interação linguística entre os sujeitos, compreendendo então que a linguagem humana (re)produz discursos dos mais variados tipos. Conforme Bakhtin (1992, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Utilizar lendas e mitos em sala de aula é uma das muitas possibilidades de ensinar ELE por meio de gêneros textuais, não ensinar apenas pronúncia, escrita e novos vocabulários, mas também trabalhar a língua como organismo vivo que está em constante (trans)formação, que se utiliza de uma infinidade de discursos para (re)produzir sentidos, criar repertórios, (re)construir respostas, estabelecendo de fato a comunicação humana,

mediada por enunciados produzidos de acordo com as finalidades temáticas. Segundo Bakhtin,

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN 1992, p. 279)

Nas situações de aprendizagem aqui propostas, serão trabalhadas os chamados gêneros do discurso secundários transmutados e reproduzidos por meio de enunciados mais elaborados, com uma finalidade pré-definida; esses, Bakhtin (1992, p. 281) identifica como tipos de enunciados mais complexos, “os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída”.

4.2 Mitos e lendas Amazônicas: um jogo de leitura e escrita

O gosto pela leitura e escrita são pontos que precisam ser estimulados desde os primeiros contatos com o ambiente escolar. Em sala de aula nos deparamos com jovens e adolescentes que apresentam dificuldades tanto na escrita quanto na leitura, esses quando indagados sobre quais tipos de leitura preferem, muitos afirmam não gostar de ler, e o fato de não gostarem de ler reflete na produção escrita, seja em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Em relação as deficiências na aprendizagem dos alunos, Oliveira e Szundy (2010, p. 309) apontam que “no caso da Língua Portuguesa percebemos que os alunos saem do ciclo regular de ensino com dificuldades de construção/compreensão de leituras através dos gêneros orais e escritos, dos códigos e suas tecnologias, das linguagens”.

As autoras pontuam também que as instituições de ensino devem promover uma educação de qualidade que desenvolva nos alunos as capacidades de “analisar, selecionar e inferir resultados, juntamente com a capacidade de aprender a criar e não somente gerar indivíduos cujos critérios sejam o simples exercício de memorização”. (OLIVEIRA,

SZUNDY 2010, p. 310) Cabe a nós professores inculcar nos aprendizes a noção das práticas leitoras e de escrita como sendo algo natural e necessário para a formação acadêmica, social e cultural de cada um, bem como para a integração ao mercado de trabalho, levando em consideração que a leitura com qualidade possibilita o acesso a uma infinidade de informações e apreensão de muitos e novos conhecimentos. Aguçar por meio dos textos trabalhados em sala de aula a curiosidade em aprender, a acessar outras tipologias textuais além das apresentadas nos livros didáticos, a descobrir o universo por meio da leitura com qualidade é uma condição *sine qua non* de dar ao ensino um significado de dinâmica maior, além do caminho que leva ao mercado de trabalho. Nas palavras de Eulissandra Osório (2021, p. 24-23), apresentar a literatura

como uma fonte formadora de leitores, sendo o leitor-aprendiz aquele aventureiro que busca conhecer mais sobre algo a partir de uma orientação segura dentro da sua formação. Um leitor-aprendiz com suas curiosidades pode evoluir para outros tipos de leitor mais críticos e mesmo assim nunca deixar de ser aprendiz.

Destaco a importância de incentivar o gosto pela leitura, pois para se trabalhar narrativas de maneira mais produtiva é necessária dominar a habilidade de leitura plural, sendo então os processos de escrita e habilidades orais resultados de uma maneira assistida por parte do docente da área de linguagens, que dará melhores condições contextuais a fim que o discente possa acompanhar com interesse o que está sendo ministrado em sala de aula.

Assim sendo, apresento algumas sugestões de práticas de leitura e escrita em Língua Espanhola a partir dos mitos e lendas da Amazônia, como eu já propus ao longo das seções anteriores. Antes de iniciar qualquer atividade, é importante apresentar o conceito das formas narrativas aos alunos, a ser trabalhada em sala de aula, para que os mesmos possam diferenciar, por exemplo, mito e lenda, e em seguida fazer o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre quais formas conhecem, sondagem que pode ser construída a partir dos seguintes questionamentos, sempre em espanhol, levando os discentes a desenvolverem a competência oral no idioma meta.¹⁴

1. Conhecem algum mito ou lenda da região amazônica?

¹⁴ Parto do princípio de que para desenvolvermos a competência de leitura e compreensão de texto em um idioma estrangeiro, faz-se necessário desenvolver algumas habilidades de transmissão oral.

2. Quem ou quais pessoas costumavam contar essas narrativas para você?
3. Sabem quais povos são responsáveis por divulgar/ensinar a maioria das lendas que conhecemos?
4. Creem que as narrativas apresentadas sob a forma de lenda ou mito tem um fundo de verdade?

Após a sondagem, apresentar os conceitos gerais sobre ditas narrativas, explicando a origem das lendas amazônicas, quais culturas influenciaram na produção das mesmas, e a importância destas como elementos de representação cultural da região.

A literatura oral evidencia a importância da palavra falada, sendo esse elemento de transmissão das múltiplas narrativas, que permeiam as vivências dos sujeitos inseridos nos diversos grupos sociais.

As propostas de atividades que seguem têm por objetivo contribuir para o desenvolvimento da compreensão leitora e oral, para o aprimoramento da escrita e da audição, e no capítulo seguinte apresento uma atividade prática de análise em sala de aula, a qual trabalha também as construções sintáticas, conjugação verbal, falsos cognatos, tradução, oralidade, etc.

Atividade 1. Leitura compartilhada

Neste primeiro momento o professor apresentará apenas o título do texto, fazendo inferências sobre o tema apresentando, do que se trata: qual tema creem que será abordado pelo texto? Os alunos serão estimulados a expressar-se em língua espanhola de forma espontânea, em um contexto real de uso da língua, dessa forma os discentes serão levados a escolher estruturas gramaticais adequadas para socializar com os demais, a adaptar sua fala ao contexto criado pelo professor.

2º MOMENTO: atividade de leitura silenciosa

O segundo momento da atividade será a leitura silenciosa do texto e seleção de palavras ou termos desconhecidas, para posterior socialização. Deixo como sugestão de

leituras o mito *Cómo apareció la noche*¹⁵ (Peru). Inserir rodapé com a referencia onde encontrar, fazer isso em todos os textos.

3º MOMENTO: Compartilhando descobertas, atividade de pós-leitura

Após a leitura, os alunos apontarão quais palavras desconhecidas identificaram no texto compartilhando com os demais, nesse momento o professor atua em conjunto com os aprendizes auxiliando-os na compreensão dos significados e traduções necessárias, para tanto é interessante que estejam disponíveis dicionários impressos e se for possível dicionários on-line para auxiliar na pesquisa por parte dos estudantes.

4º MOMENTO: Relendo o texto atividade de releitura

Após traduzir as palavras desconhecidas e identificar seus significados, será feita uma nova leitura, desta vez em voz alta, neste momento da atividade o texto será “fragmentado”, cada aluno participará lendo um trecho. Finalizado essa etapa, a turma irá socializar as impressões sobre a leitura feita, se já conheciam, se observaram semelhanças com outras narrativas conhecidas, este momento de comentários é importante que seja feito em língua espanhola, à medida que os alunos expõem suas impressões sobre as leituras, o professor levanta questionamentos, de modo que explore os conhecimentos de mundo dos alunos. O objetivo dessa atividade é a prática leitora, aquisição de vocabulário, desenvolvimento da oralidade em Língua Espanhola, bem como a compreensão oral e textual.

Quadro 2. Sequência didática

ESCOLA:			
Professor:	Componente curricular: Língua Espanhola	Série 2º ano	Turma
DELIMITAÇÃO TEMÁTICA			
Competência específica: Criar textos escritos e orais em língua espanhola, a partir das leituras propostas.			
Habilidades:			

¹⁵ Disponível em *Mitos y Leyendas del amazonas*, Nahuel Sugobono, 1999.

- Escolher estruturas gramaticais adequadas para expressar-se em língua espanhola;
- Identificar palavras desconhecidas
- Leitura compartilhada;
- Socializar os aprendizados com a leitura realizada.

Objetos de conhecimento:

Leitura e compreensão textual

Objetivo geral:

- Ler e compreender textos em língua espanhola;

Objetivos específicos:

- Expressar-se de maneira fluida na língua meta;
- Compreender termos desconhecidos;
- Aquisição lexical na língua meta;

Situações de aprendizagem**Aula 1****1º Momento**

- Iniciar a aula acolhendo os alunos, em seguida perguntar se sabem o que é um mito;
- Explicar o conceito de mito segundo o dicionário;
- Perguntar se conhecem algum mito da região amazônica;
- Apresentar apenas o título do texto;
- Fazer inferências sobre o tema presente no título apresentado;
- Estimular a participação e enfatizar que as contribuições dos alunos deverão ser dadas em língua espanhola;

2º Momento

- Entrega do texto (*Como apareció la noche*), impresso para leitura silenciosa;
- Seleção de palavras desconhecidas;

3º Momento

- Compartilhar quais palavras desconhecidas identificaram;
- Buscar o significado ou tradução dos termos identificados;

4º Momento

- Leitura compartilhada, cada aluno ler um parágrafo do texto selecionado
- Socialização das impressões sobre a leitura realizada;

Instrumentos de avaliação:

A avaliação será por meio das atividades propostas, participação e frequência nas aulas.

Recursos didáticos:

Textos impressos, dicionários, quadro, pincel, papel, lápis e caneta,

Referências

SUGOBONO, N. **Mitos y leyendas del amazonas**. Barcelona: Liberduplex, S.L, 1999.

Atividade 2. Qual o final?

1º MOMENTO: Atividade de recepção do texto

Essa atividade tem como objetivo o desenvolvimento da leitura e escrita, a mesma pode ser feita com um ou mais textos, ficando a critério do professor a quantidade de textos a ser trabalhado, deixo como sugestão os títulos *Uirapuru*¹⁶(Brasil), *La Capirona*¹⁷ (Peru). Antes de entregar os textos organizar os alunos em duplas, sem avisar sobre o “inacabamento” dos textos. Orientar para que leiam em silêncio.

2º MOMENTO: Escrevendo um novo final

No momento em que os alunos perceberem que o texto está incompleto, o professor então, orienta para que os mesmos criem o final para cada texto. O trabalho em grupo estimula a criatividade e fortalece as relações interpessoais. Todo o exercício de estruturação de ideias, frases e orações, bem como a busca por acertar a grafia correta de escrita, possibilita o aprendizado e a troca de conhecimentos.

3º MOMENTO: Comparando finais

Após as duplas criarem o desfecho final, compartilhar com os demais as produções prontas, então o professor entrega o final de cada texto para que os alunos observem as semelhanças ou diferença entre a versão “original” e a versão criada por eles, as observações feitas serão compartilhadas com a classe. Essa atividade desenvolve a escrita, a leitura, a audição e a oralidade.

¹⁶ Disponível em **Leyendas de la Amazonía brasileña**, Ana María Gómez Platero e Victoria Palma Ehrichs, 2011.

¹⁷ Disponível em **Mitos leyendas y cuentos peruanos**, José María Arguedas e Francisco Izquierdo Ríos, 2011.

Quadro 3. Sequência didática

ESCOLA:			
Professor:	Componente curricular: Língua Espanhola	Série 2º ano	Turma
DELIMITAÇÃO TEMÁTICA			
Competência específica: Produzir textos escritos em língua espanhola, a partir das leituras propostas.			
Habilidades: <ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos escritos, escolhendo estruturas gramaticais adequadas; • Escolher estruturas gramaticais adequadas para expressar-se em língua espanhola; • Socializar as produções com os demais colegas; 			
Objetos de conhecimento: Leitura, compreensão textual, escrita.			
Objetivo geral: <ul style="list-style-type: none"> • Produzir texto escrito em língua espanhola; 			
Objetivos específicos: <ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos coesos e coerentes em língua espanhola; • Desenvolver a compreensão auditiva; • Aquisição lexical na língua meta; • Aperfeiçoar a habilidade leitora e escrita na língua meta; 			
Situações de aprendizagem			
Aula 1			
1º Momento <ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula acolhendo os alunos; • Entregar os textos/lendas (<i>O urirapurú</i> e <i>La capiróna</i>,) ambos os textos estarão inacabados. • Orientar para que façam leitura silenciosa; 			
2º Momento <ul style="list-style-type: none"> • Os alunos em duplas ou trios criarão um final para os textos recebidos; • Acompanhamento das produções dos alunos, para tirar as dúvidas; • Socialização dos desfechos criados, para tanto, os textos serão trocados para observação e correção pelos próprios alunos. 			
3º Momento <ul style="list-style-type: none"> • Leitura dos textos com as versões finais criadas; • Socialização quanto as diferenças e semelhanças dos textos criados; • Leitura do texto “original” • Finaliza com os alunos comentando sobre as diferenças e semelhanças observadas entre o texto “original” e as versões criadas em sala; 			

- Leitura compartilhada, cada aluno ler um parágrafo do texto selecionado
- Socialização das impressões sobre a leitura realizada;

Instrumentos de avaliação:

A avaliação será por meio das atividades propostas, participação e frequência nas aulas.

Recursos didáticos:

Textos impressos, dicionários, quadro, pincel, papel, lápis e caneta,

Referências

ARGUEDAS, J.M; RÍOS, F.I. **Mitos leyendas y cuentos peruanos**. Org. Sybila A. A; Wladimiro I. L. Lima-Peru. Punto de Lectura,2011.

EHRICHS, V. P; PLATERO, A.M.G. **Leyendas de la Amazonía brasileña**. Brasília-DF: Consejería de Educación de la embajada de España, Secretaría Técnica. Versão em PDF disponível em <https://sede.educacion.gob.es/publivena/leyendas-de-la-amazonia-brasilena/ensenanza-lengua-espanola>. Acesso em novembro de 2022.

Atividade 3. Noticiando lendas

1º MOMENTO: leitura.

A sala dividida em grupo, o ideal que sejam formados trios ou quartetos. O professor entrega os textos para as leituras. Sugiro que sejam lidos os textos *El Yacuruna*¹⁸, (Peru), *El Chullachaqui*¹⁹ (Peru), *Mapingari*²⁰ (Brasil) e *Boto*²¹ (Brasil).

2º MOMENTO: Criando notícias

Após concluir a leitura os alunos serão orientados a criar notícias sobre as lendas trabalhadas. A ideia é criar um “jornal”, onde os alunos apresentarão reportagens sobre as lendas amazônicas no formato de programa jornalístico com entrevistas, informações

¹⁸ Disponível em **Mitos leyendas y cuentos peruanos**, José María Arguedas e Francisco Izquierdo Ríos, 2011.

¹⁹ Disponível em **Mitos leyendas y cuentos peruanos**, José María Arguedas e Francisco Izquierdo Ríos, 2011.

²⁰ Disponível em **Leyendas de la Amazonía brasileña**, Ana María Gómez Platero e Victoria Palma Ehrichs, 2011.

²¹ Disponível em **Leyendas de la Amazonía brasileña**, Ana María Gómez Platero e Victoria Palma Ehrichs, 2011.

sobre as origens da lenda, ficando a critério do grupo a forma como a notícia será apresentada, podendo também ser na forma de Podcast. A atividade nesse formato estimula a criatividade, a oralidade, aguça a curiosidade em pesquisar e descobrir sobre a literatura de base oral.

Quadro 4. Sequência didática

ESCOLA:			
Professor:	Componente curricular: Língua Espanhola	Série 2ºano	Turma
DELIMITAÇÃO TEMÁTICA			
Competência específica: Produzir textos escritos em língua espanhola, a partir das leituras propostas.			
<ul style="list-style-type: none"> • Habilidades: Produzir textos escritos, escolhendo estruturas gramaticais adequadas; • Escolher estruturas gramaticais adequadas para expressar-se em língua espanhola; • Socializar as produções com os demais colegas; 			
Objetos de conhecimento: Leitura, compreensão textual, produção oral e escrita de textos jornalístico do gênero notícia, tempo verbal pretérito imperfecto.			
Objetivo geral: <ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos orais e escritos em língua espanhola; • Desenvolver as competências auditivas e orais em língua espanhola; 			
Objetivos específicos: <ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos coesos e coerentes em língua espanhola; • Desenvolver a compreensão auditiva; • Aquisição lexical na língua meta; • Aperfeiçoar as habilidades leitora e escrita na língua meta; 			
Situações de aprendizagem			
Aula 1			
1º momento <ul style="list-style-type: none"> • Acolher os alunos; • Explicar como será a condução das atividades que serão executadas, a partir das leituras em grupo dos textos (<i>El Yacuruna, El Chullachaqui, Mappingari e Boto</i>); • Após dividir a sala em grupo, entregar um texto diferente para que cada grupo leia; 			
2º momento			

- A partir das leituras feitas os alunos irão criar matérias jornalísticas tendo como base o texto lido, ficando a critério dos grupos o modo como será apresentado.

Aula 2

- Apresentação da atividade proposta anteriormente.

Instrumentos de avaliação:

A avaliação será por meio das atividades propostas, participação e frequência nas aulas

Recursos didáticos:

Textos impressos, dicionários, quadro, pincel, papel, lápis e caneta,

Referencias

ARGUEDAS, J.M; RÍOS, F.I. **Mitos leyendas y cuentos peruanos**. Org. Sybila A. A; Wladimiro I. L. Lima-Peru. Punto de Lectura,2011.

EHRICHS, V. P; PLATERO, A.M.G. **Leyendas de la Amazonía brasileña**. Brasilia-DF: Consejería de Educación de la embajada de España, Secretaría Técnica. Versão em PDF disponível em <https://sede.educacion.gob.es/publiventa/leyendas-de-la-amazonia-brasilena/ensenanza-lengua-espanola>. Acesso em novembro de 2022.

5. NARRATIVAS: PROPOSTA DE ANÁLISE EM SALA DE AULA

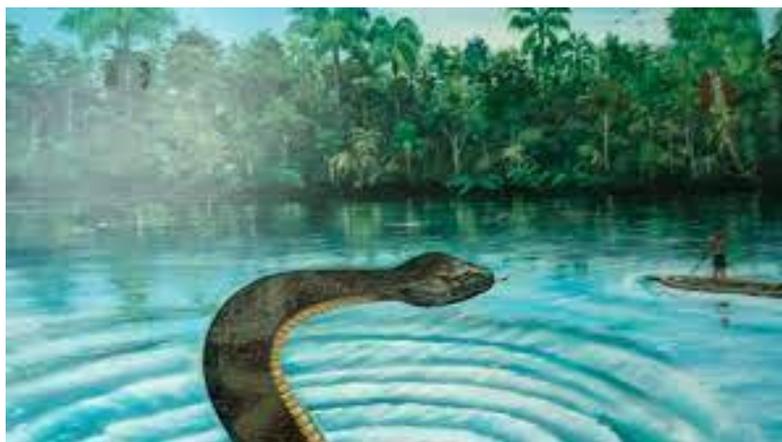
Quanto mais lemos, mais rapidamente somos capazes de executar o truque mágico de ver como as letras foram combinadas em palavras dotadas de sentido. Quanto mais lemos, mais compreendemos, mais aptos nos tornamos a descobrir novas maneiras de ler, cada uma ajustada à razão que nos leva a ler um livro em particular.

Francine Prose

Apresento a seguir dois exemplos de análise textual em sala de aula, onde a leitura e análise é guiada observando a arte da palavra por meio da escrita. Esse tipo de prática contribui com a formação do leitor atento, explorando os detalhes do texto, os sentidos produzidos pelas palavras, em uma apreciação consciente do modo como as frases são formadas e dos sons produzidos pela dicção das palavras.

Texto 1. LA LEYENDA DE LA YACUMAMA

Figura 1. La Yacumama



Fonte: <https://www.google.com.br/Fterrifying-legends-peru-yacumama-sachamama>.

En lo profundo de un bosque impenetrable por su exuberante vegetación, había un lago muy poco conocido por los que vivían en las proximidades de ese lugar. Simulaba ser sumamente tranquilo, apacible, en suma, un remanso de paz; pero lamentablemente era lo contrario. Así lo aseveraban quienes habían llegado a él, pues sabían que tenía “madre” y que ella celosamente cuidaba de ese lugar, persiguiendo sin piedad al que por desgracia se atrevía a pescar en sus aguas.

Así llegó cierto día un pescador que siguiendo el curso de un riachuelo desembocó en él; desde el primer momento que lo vio, se sintió feliz porque creía que era el primero en llegar y pensó: al fin podré realizar una "pesca milagrosa" en esta laguna olvidada, que debe estar llena de peces. Infelizmente no fue así; al penetrar en el lago, lo primero que hizo fue ubicar un lugar para arrojar su tarrafa y aunque se sentía intrigado por el movimiento del agua, siguió remando confiado; pero el vaivén continuo de su canoa, siguió preocupándole hasta que sintió que algo salía del fondo del lago. Rápidamente volvió para averiguar qué era eso, y vio una terrible cabeza, suspendida a casi un metro de altura sobre la superficie del agua moviendo su monstruosa figura de orejas paradas y sacando su lengua puntiaguda. Inmediatamente dio vuelta su canoa, metió su remo con fuerza hasta el fondo del agua para impulsarse mejor y en esos instantes apremiantes para colmo de males, notó que las plantas de la orilla venían a su encuentro, cerrándole el pase como si obedecieran a no sé qué designio; terriblemente asustado, giró su cabeza para ver que ocurría con la fiera y comprobó que ella le perseguía a toda velocidad.

En ese momento, aterrorizado levantó sus ojos al cielo y clamó ayuda al Dios todo poderoso, convencido que él no podía hacer nada para librarse con vida de ese monstruo lacustre. Y realmente, el Señor escuchó su súplica, porque inexplicablemente cayeron al lago cuatro sachavacas peleando y mordiéndose como fieras, produciendo un tremendo ruido. Ese terrible estruendo asustó a esa serpiente, que no era otra cosa que la terrible Yacumama, que velozmente se sumergió en su lago. Incomprensiblemente, las plantas acuáticas también volvieron a su posición inicial y todo quedó en calma, pues hasta las sachavacas se escaparon viendo a la horrible Yacumama.

El pescador que advertía estupefacto todo cuanto sucedía. No quiso perder un segundo más, y se alejó de este fatídico lago, antes que la Yacumama le cerrara el paso nuevamente. Lamentablemente no llevó ni un solo pez, porque "la madre" de esa laguna no quiso regalarle sus pacos, sardinas, sábalos, bujurquis, lizas y gamitanas.

Al respecto, se cuenta que cuando alguna persona común se acerca a las orillas y penetra a esos lagos encantados, se desata sorpresivamente una tormenta infernal que hace zozobrar la embarcación y la persona se ahoga irremediabilmente.

Texto 2. EL PRINCIPIO DEL MUNDO

Figura 2. Criação do mundo



Fonte: www.google.com.br/Fbibocaambiental.blogcriacao-do-mundo-algumas-lendas.

En el principio, este mundo estaba en la oscuridad. De la oscuridad salieron dos hombres, uno llamado Carusacahiby y otro que era su hijo, llamado Rairu. Rairu tropezó con una piedra agujereada como una olla y gritó a causa de la piedra. Caru, su padre, mandó al hijo Rairu cargar la piedra por la que había gritado. Rairu cumplió la orden del padre: cargó en la cabeza la piedra que, encima de él, comenzó a crecer. Como pesaba ya demasiado, él dijo a su padre: “Esta piedra ya pesa mucho.”

Mas crecía entonces la piedra y ya Rairu no podía andar. La piedra siguió creciendo. Creció tanto la piedra en forma de olla que formó el cielo. Apareció entonces el sol en el cielo. Rairu se arrodilló, viendo a su padre ser el creador del cielo. Pero Caru era enemigo de su hijo, porque sabía más que él. Un día Caru flechó una hoja de palmera tucuma y mandó al hijo subir a la palmera para retirar la flecha, para ver si se mataba. El hijo llegó a la tucuma, los espinos se volvían todos hacia abajo para quedar suave; él subió y tiró de la hoja la flecha del padre. Otro día Caru mandó a su hijo adelante para el rozado y cuentan que cortó todos los árboles para matar al hijo. Derribó entonces los árboles encima del hijo, caían todos los troncos encima, más él no murió y permaneció incólume. Caru se fue de allí, pensando que su hijo había muerto. Al otro día volvió Caru y halló el hijo

perfectamente bien. Cuando Caru iba quemar la roza, mandó a su hijo hacia el medio, para que muriese quemado. Caru cercó al hijo con fuego. Cuando Rairu, después, vio que la hoguera lo cercaba, entró por la tierra y cuando la roza acabó de quemar, apareció sin que el fuego le hubiera hecho nada. Caru se enojó mucho, viendo que su hijo no moría. Otro día, Caru volvió y fue para el bosque. Llegó. Cuando estaba en el bosque, hizo una figura de armadillo con hojas secas y la enterró, dejando el rabo afuera, en el cual refregó resina. Llamó al hijo y le dijo:

“¿Vamos a cazar?”

“¡Vamos!”

Anduvieron vagando por el bosque y Caru llamó al hijo: “¡Aquí hay un armadillo, ven a tirar!”.

La figura de aquel tatú iba cavando: ya había hecho un agujero en el suelo. Rairu después dejó de tirar del rabo del tatú, pero no pudo retirar la mano, porque la resina lo pegaba. Cuentan, entonces, que la figura del armadillo lo llevó por el agujero por dentro de la tierra y se sumergió. Pasaba su padre otro día por el agujero, cuando vio a su hijo salir de allí. El padre tomó un palo y golpeó a su hijo. El hijo dijo: “No me golpees, porque en el agujero de la tierra he encontrado mucha gente, más que buena, y ellos vienen a trabajar para nosotros”.

El padre lo dejó y no le golpeó más. Redondeó una aceitunita y la tiró al suelo, que entonces creció transformada en algodón. Luego la planta creció transformada en algodón. Caru recogió el algodón e hizo una cuerda, amarró a Rairu y lo metió en el agujero del armadillo. Cuentan que por la cuerda del agujero subió mucha gente fea, después también subió mucha gente bella; dicen que, entonces, la cuerda reventó y el resto de la gente hermosa cayó en el agujero. Rairu subió con la gente bonita. Cuentan que Caru, cuando vio aquella banda de gente, mandó hacer una pasta verde, una roja, una negra, una amarilla, para marcar aquella gente con sus mujeres, para que cuando aquella gente creciera fueran los pueblos Mundurucu, Mura, Arara, Pamaná, Manatenery, Catauchy y así todos. Como tardaba mucho en pintarse toda aquella gente, quedaron algunos como son y otros más descuidados. A los perezosos, Caru dijo: “Vosotros sois muy perezosos, ahora vosotros seréis pajarillos, murciélagos, cerdos y mariposas”.

A los otros que no eran perezosos y que eran bonitos, les dijo: “Vosotros seréis el principio de otra era; en otro tiempo los hijos de vosotros serán valientes”.

Después Caru se sumergió por dentro de la tierra y desapareció. Entonces denominaron a aquel agujero Caru-Cupi.

Nahuel Sugobono (1999)

5.1 Proposta de Análise texto 1

A partir da leitura inicial, mostrar para o aluno como o primeiro texto enquadra a natureza rica da Amazônia em um contexto quase mágico, e como essa exuberância ambienta a criação das narrativas maravilhosas, levando-o a entender a apreciação de relatos tradicionais como expositor de culturas originais, e assim exercitar a leitura atenta, identificando outros modos de percepção do mundo por meio da própria construção literária que agora será apreciada em outras vertentes, além do mero conteúdo, onde se objetivará a aproximação com a LE:

En lo profundo de un bosque impenetrable por su exuberante vegetación, había un lago muy poco conocido por los que vivían en las proximidades de ese lugar. Simulaba ser sumamente tranquilo, apacible, en suma, un remanso de paz; pero lamentablemente era lo contrario.

O narrador projeta vários referentes em apenas um período. O aluno perceberá, junto ao docente, que todos os substantivos concretos são acompanhados de algum adjetivo ou de locução que procura enfatizar o caráter pictórico do espaço físico. O professor faz o aluno perceber também que a realidade ganha tintas idealizadas, graças a esses recursos iniciais. Mas, a seguir, toda a idealização se confronta com uma nova expectativa, diante da adversativa inesperada. Com isso, o professor tem condições de ir também testar o vocabulário em espanhol do aluno, leitor-aprendiz. Isso pode ser enfatizado com perguntas estratégicas como “qual a classe dessa palavra?” (*pero*) Ou “qual o tempo verbal que coloca a situação em uma condicionante?” (*habia*) É importante explorar com o aluno esse aspecto da idealização inicial, pois teria a ver com a própria posição do narrador em relação ao envolvimento com os próprios fatos narrados. No caso, ele adotará o ponto de vista da natureza selvagem. Isso tudo serve como antecipador de todo o restante da dinâmica narrativa que se desenrolará.

A seguir, fica claro ainda mais esse posicionamento engajado do narrador quando a figura da “mãe terra” (*madre*) é atribuída a Yacumama: “Así lo aseveraban quienes habían llegado a él, pues sabían que tenía “madre” y que ella celosamente cuidaba de ese lugar, persiguiendo sin piedad al que por desgracia se atrevía a pescar en sus aguas”. Neste ponto o professor convida o aluno a visualizar a natureza selvagem apresentada no texto por meio dessa figura estratégica, reforçando a diferenças entre homonímias entre o português e espanhol, por meio do próprio substantivo “madre”. Estimula então o aluno a fazer inferências tais como “qual atitude da Yacumama permite que o narrador a compare a uma mãe”? “Qual conexão é possível estabelecer entre a figura da “mãe protetora” e as “águas”? Usar a construção imagística da mãe protetora descrita pelo narrador aguça o aprendente a ter um olhar mais criterioso, até mesmo curioso, no caso, também, reforçando algumas peculiaridades do idioma que se aproximam muito do português e que está cheio de armadilhas por meio dos falsos cognatos.

A chegada do intruso já vem acompanhada de bastante expectativa do aluno que ainda está atento à construção da figura mítica da mãe protetora das águas:

Así llegó cierto día un pescador que siguiendo el curso de un riachuelo desembocó en él; desde el primer momento que lo vio, se sintió feliz porque creía que era el primero en llegar y pensó: al fin podré realizar una "pesca milagrosa" en esta laguna olvidada, que debe estar llena de peces. Infelizmente no fue así; al penetrar en el lago, lo primero que hizo fue ubicar un lugar para arrojar su tarrafa y aunque se sentía intrigado por el movimiento del agua, siguió remando confiado; pero el vaivén continuo de su canoa, siguió preocupándole hasta que sintió que algo salía del fondo del lago.

O professor retoma a análise tornando possível a relação entre as partes, mesmo que outro parágrafo se apresente com um corte brusco, trazendo uma sequência mais dramática, numa mudança de enquadramento de ação. O aluno, agora, é um aprendente atento aos procedimentos do texto. O pescador é o elemento exógeno que vai testar a vigilância da mãe protetora. A estrutura do conto se dá por meio de um antagonismo claro: o homem versus a natureza. Vários termos podem ser explorados junto ao aluno: “riachuelo”, “desembocó”, “olvidada”, “peces”, “hizo”, “ubicar”, “arrojar”, “tarrafa”, “aunque”, “preocupándole”, como partes integrantes do processo de confronto entre os dois lados. O professor, então, investe nos cognatos e o significado das palavras, mostrando a complexidade de elementos em jogo. Por exemplo, o substantivo tarrafa tem a mesma grafia e significado em português. O substantivo “peces” guarda homofonia com

o nosso idioma, e no contexto fica fácil de identificar. É o objeto de cobiça que faz o homem adentrar aqueles rincões. Outra homofonia interessante é o verbo conjugado “preocupándole” que já traz o objeto direto em si, tornando pertinente que se mostre o fenômeno o comparando ao português que separa o verbo do complemento. Entende-se melhor com isso o funcionamento das conjugações e suas funções sintáticas, tanto em um idioma como no outro. O professor tem de estar acompanhando passo a passo a relação contexto com o vocabulário, as relações fônicas e as construções sintáticas.

Na sequência do mesmo parágrafo, o confronto e o antagonismo extremo entre “homem” versus “natureza” fica bastante acentuado pela própria aceleração narrativa que dá o tom de dramaticidade à cena:

Rápidamente volvió para averiguar qué era eso, y vio una terrible cabeza, suspendida a casi un metro de altura sobre la superficie del agua moviendo su monstruosa figura de orejas paradas y sacando su lengua puntiaguda. Inmediatamente dio vuelta su canoa, metió su remo con fuerza hasta el fondo del agua para impulsarse mejor y en esos instantes apremiantes para colmo de males, notó que las plantas de la orilla venían a su encuentro, cerrándole el pase como si obedecieran a no sé qué designio; terriblemente asustado, giró su cabeza para ver que ocurría con la fiera y comprobó que ella le perseguía a toda velocidad.

Como se trata de uma cena de maior intensidade, o professor convida a turma a ler esse trecho em voz alta. Isso serve para avaliar, inicialmente, o grau de familiaridade que o aluno já tem com o idioma espanhol. Ao mesmo tempo, ele percebe que a proposta de construção literária dessa lenda procura colocar o homem numa posição frágil diante de uma natureza monumental e que pede para ser respeitada. O pavor do pescador reflete todo um estado angustiante por meio de um mundo que pede para ser compreendido a qualquer custo, antes de ser violado, mesmo que seja para sua sobrevivência por intermédio da pesca. Nessa altura, o professor pode pedir aos alunos para selecionar os vocábulos homofônicos ou mesmo aqueles estranhos aos seus ouvidos. Com isso, a relação texto e contexto se torna mais consistente. Vocábulos ou expressões como “apremiantes” ou “colmo de males” podem suscitar, por exemplo, diversos aprofundamentos semânticos ao texto em tela. São palavras estratégicas, dentro do quadro dramático apresentado. Indicam o perigo extremo que o pescador está vivenciando. Outros verbos, acompanhados de complemento direto, como “impulsarse” ou “cerrándole” reforça um aprendizado anterior quanto às conjugações em espanhol. A expressão “plantas de orilla”, em plena personificação, mostra uma natureza indomável,

ao mesmo tempo que traz também homofonias que devem aguçar a curiosidade do aprendiz, atento à ação de plantas hostis e que estão à margem dos rios prontas a enfrentar e atacar os intrusos.

No outro parágrafo, temos o complemento desse quadro dramático. O pescador se via inevitavelmente cercado diante da fúria daquele contexto selvagem, e a possibilidade de entrada de outros elementos em cena permite uma virada mais estratégica nessa difícil relação entre o homem e a natureza:

En ese momento, aterrorizado levantó sus ojos al cielo y clamó ayuda al Dios todo poderoso, convencido que él no podía hacer nada para librarse con vida de ese monstruo lacustre. Y realmente, el Señor escuchó su súplica, porque inexplicablemente cayeron al lago cuatro sachavacas peleando y mordiéndose como fieras, produciendo un tremendo ruido. Ese terrible estruendo asustó a esa serpiente, que no era otra cosa que la terrible Yacumama, que velozmente se sumergió en su lago.

Tudo estava preparado para a destruição do intruso, por meio das forças da natureza, personificada na Yacumama e nas plantas devoradoras da margem que se projetam sobre o pescador a fim de destruí-lo como punição pelo mal cometido, no caso por entrar sem permissão numa terra sagrada. Então, percebemos a intervenção divina, confirmando o conto imerso em um estado totalmente maravilhoso, apesar do breve trecho realista, por conta da chegada do pescador àquele ambiente. O aluno então se dá conta do socorro divino, por meio da manifestação do “herói invisível” em favor do intruso prestes a sucumbir mediante a força incontável da natureza. Interessante notar junto à turma que esse deus pode ser até um usurpador da força anímica da natureza, como uma influência já do processo colonizador, o que daria a essa lenda um caráter um pouco contaminado. Podemos selecionar mais uma vez termos estratégicos que com certeza aguçarão a curiosidade do leitor atento: “Dios todo poderoso”, “monstruo lacustre”, “cayeron”, “sachavacas”, “peleando”, “mordiéndose”, “submergió”, “lago”, a aditiva “y”, explicando as regras de uso e exceções. As imagens produzidas para a visualização da Yacumama e o embate das sachavacas que surgem inesperadamente e em grupo, se automutilando, exemplificam os acontecimentos extraordinários. As sachavacas são animais de comportamento tranquilo, que habitualmente vivem só ou no máximo em dupla; a descrição do embate físico entre esses animais, o barulho produzido, em uma cena quase indescritível, é capaz de afugentar o próprio poderoso ser, na figura mitológica da Yacumama. É uma abstração impressionante para poder intervir no enredo e salvar o pescador das forças inexoráveis que o cercavam. Expressões próximas do português como

“Dios todo poderoso”, ou “peleando”, este último mais usado no sul do Brasil, constituem preciosidades a serem exploradas pelo docente, mostrando não só a aproximação dos vocabulários entre os dois idiomas, como discutir os contextos de uso. No caso, temos um Deus cristão que é evocado e que, de fato, na narrativa, intervém como uma entidade mitológica arcaica, quase que pertencente a um panteão de deuses pagãos. A palavra “sachavacas” traz curiosidades imensas por ser tão diferente da tradução “anta” em português. Ela pode até ser decomposta e analisada etimologicamente, o que a aproximaria do português e ao mesmo tempo mostraria particularidades da cultura e do idioma espanhol. A expressão “mostruo lacustre” tem um apelo diferente, ao mesmo tempo uma palavra popular, que se aproxima também do português, e outra que existe nos dois idiomas com a mesma grafia e o mesmo sentido, no entanto no português se tornou uma palavra mais erudita. O verbo intransitivo “cayeron”, também próximo da nossa realidade morfológica, traz ao mesmo tempo uma sonoridade exótica. E novamente temos o uso de um verbo com complemento que servirá para reforçar mais uma vez o aprendizado anterior, com o professor provocando a turma a reativar sua memória. Temos também a curiosa conjugação de uma palavra homófona à conjugação em português como “submergió”, ou o substantivo “lago” que tem o mesmo sentido para nós. O uso da aditiva “Y” traz curiosidades ainda maiores pois pode ser usado habitualmente, mas guarda algumas exceções de uso quando a palavra seguinte inicia com mesma consoante com som de vogal ou se a palavra seguinte iniciar com a vogal “I”, substitui-se a pela aditiva “e”

O mesmo parágrafo segue mostrando a mudança de cena no enquadramento da narrativa, pois o drama cede lugar à calmaria. A natureza indomável volta a compor a paisagem exuberante mostrada inicialmente. No fragmento que se segue, o medo cede lugar ao belo. “Incomprensiblemente, las plantas acuáticas también volvieron a su posición inicial y todo quedó en calma, pues hasta las sachavacas se escaparon viendo a la horrible Yacumama”. O professor exercita ainda, mais uma vez, junto com os alunos, a leitura em voz alta do parágrafo, e enfatiza esse último período para complementar a análise iniciada, com o intuito, agora, de identificar a mudança de sentidos na narrativa. Por exemplo, pergunta-se à turma que classe de palavra permite a reviravolta no enredo. Ao identificarem o advérbio “incomprensiblemente”, percebem, junto ao docente, toda a mudança de expectativa e o alívio da situação aflitiva vivenciada pelo pescador. Todo o restante do período se torna um desdobramento desse advérbio, com expressões que

reforçam um novo estado de coisas como “y todo quedó en calma”. Mostrando a plurivalência do verbo “quedar”, numa situação sintática bem diferente da do habitual em português, o professor consegue mostrar as aplicações dentro do espanhol e as possíveis traduções para a nossa língua fonte, facilitando as condições de entendimento de um idioma que às vezes se aproxima e, em muitas outras, se afasta do nosso. A retomada da aditiva “y” reforça o que tinha já sido explicado anteriormente, produzindo um efeito particularmente de ênfase.

Nos parágrafos finais do conto, o pescador, já sobrevivente, ainda dá pretexto para uma série de uso de termos e vocábulos curiosos da própria região amazônica como “pacos”, “sardinias”, “sábalos”, “bujurquis”, “lizas” y “gamitanas” que ele, por outro lado, não conseguiu levar para casa, impedido pela guardiã das águas. Temos aqui um manancial de possibilidades de investigação semântica e etimológica de cada uma dessas palavras; umas próximas (“pacos”, “sardinias”) outras nem tanto, mas que se encontram nos rios da região do Juruá. O verbo com complemento “regalarle” traz mais curiosidades por ter se tornado mais erudito em português. No último parágrafo, o alerta do narrador, quanto ao perigo de se aproximar desses lagos, trazendo o verbo “zozobrar” que também guarda semelhança homofônica com “soçobrar” em português. Por ser um termo também de origem mais erudita em nosso idioma natal, apresenta uma possibilidade de ampliação do vocabulário do aluno, aprendente da LE. Os dois idiomas concorrem concomitantemente a fim de aumentar o poder de expressão do leitor-aprendiz.

5.2 Proposta de análise texto 2

No segundo texto, de maior caráter mítico, temos um apelo religioso evidente ao descrever, pela ótica autóctone, a criação do mundo, o que possibilita, à própria construção da narrativa, remeter-se aos vestígios de origens como sendo resultantes da obra de ações sobrenaturais. O texto também exige do leitor uma maior atenção para compreensão e inferências de sentidos por meio de uma complicação inicial de enredo e que acompanha todo o conto:

En el principio, este mundo estaba en la oscuridad. De la oscuridad salieron dos hombres, uno llamado Carusacahiby y otro que era su hijo, llamado Rairu. Rairu tropezó con una piedra agujereada como una olla y gritó a causa de la piedra. Caru, su padre, mandó al hijo Rairu cargar la piedra por la que había gritado. Rairu cumplió la orden del padre: cargó en la cabeza la piedra que, encima de él,

comenzó a crecer. Como pesaba ya demasiado, él dijo a su padre: “Esta piedra ya pesa mucho.”

Diferente do primeiro conto, a narrativa que se inicia traz claras predestinações que não precisarão ser explicadas ao nível racional a partir de uma oposição simples, como “homem versus natureza”. Portanto, o professor fica atento à condução da turma atrelada aos diferentes momentos que se sucedem sem exigir uma coerência ou uma motivação visível para o desenrolar das ações propriamente fora do próprio texto. O objetivo do conto é alcançado apenas no todo dentro da lógica do maravilhoso. Vários vocábulos interessantes podem ser arrolados para relacionar o relato mítico às condições de compreensibilidade do enredo, nesse início, já que nenhuma situação precisa, de cara, de alguma explicação que não seja dentro da situação mítica que a envolve, como já percebido e antecipado pelo professor. Termos como “oscuridad”, “padre”, “piedra agujerada”, “olla” e expressões como “y gritó a causa de la piedra” ou diferenças entre “del” e “de él” introduzem o aluno iniciante em um universo textual bem mais desafiador. Não bastará um simples dicionário para elucidar alguns impasses ao longo do conto. Todos os termos estão dentro de uma forte coerência continuativa que vai se seguir em direção ao todo. A primeira leitura será acompanhada em voz alta, e permitirá avaliar o interesse e a compreensão da turma. A seleção de vocábulos e expressões, no primeiro parágrafo, permitirá interligar os fragmentos ao possível todo, já que, aparentemente, a turma, com o professor, já sabe aonde vai chegar, consciente de que os relatos míticos estão narrando um fato de origem. Ao se recontar literariamente, temos acesso a um certo testemunho organizado dentro das normas da narrativa escrita. O autor é um organizador de pistas discursivas que intentam uma unidade, dentro da própria tradição oral de onde essas narrativas surgiram. “Oscuridad” é uma homofonia bem próxima de escuridão, mas, dentro do contexto, traz um sentido mais profundo. De onde surgem todas as coisas que não precisam ser explicadas? A explicação, no caso, vem no próprio andamento da narrativa. “Padre” é uma palavra que, como “madre”, pode levar a um falso cognato e no caso, nesse conto, guarda um sentido mais precioso, ou seja, aquele que carrega um dom de fazer as coisas acontecerem. “Piedra agujerada” produz uma homofonia pálida, que obriga o leitor iniciante de espanhol a ter que apelar para a imaginação. A palavra “olla” (panela) produz um completo estranhamento ao aluno que terá de entender como uma metáfora para o sentido mítico que a própria pedra carrega. A expressão “y gritó a causa de la piedra” estará num plano sintático bem distante das condições de uso em nossa

língua natal. O professor deve explicar de maneira sempre sugestiva, pedindo uma tradução o mais próxima possível para os alunos. As diferenças entre os termos “del” (contração/artigo + preposição) e “de él” (artigo e pronome) é importante ser trabalhada para que o aluno perceba como cada idioma permite uma certa cadência enunciativa, já que no português necessitamos de mais contrações do que no espanhol. Todo o encaminhamento do primeiro parágrafo reforça uma condição de autoridade ao “pai criador” que obriga a seu filho Rairu seguir uma série de ordens absurdas que se sucederá.

No segundo parágrafo, a sequência de situações será sempre pontuada por verbos que ordenam uma dinâmica própria, dentro da tradição oral, às ações dos personagens. Aqui Rairu continua cumprindo cegamente as ordens do pai:

Mas crecía entonces la piedra y ya Rairu no podía andar. La piedra siguió creciendo. Creció tanto la piedra en forma de olla que formó el cielo. Apareció entonces el sol en el cielo. Rairu se arrodilló, viendo a su padre ser el creador del cielo. Pero Caru era enemigo de su hijo, porque sabía más que él. Un día Caru flechó una hoja de palmera tucuma y mandó al hijo subir a la palmera para retirar la flecha, para ver si se mataba. El hijo llegó a la tucuma, los espinos se volvían todos hacia abajo para quedar suave; él subió y tiró de la hoja la flecha del padre. Otro día Caru mandó a su hijo adelante para el rozado y cuentan que cortó todos los árboles para matar al hijo. Derribó entonces los árboles encima del hijo, caían todos los troncos encima, más él no murió y permaneció incólume.

Caru se projeta como opositor de seu descendente, mesmo este demonstrando obediência, respeito e admiração para com pai como criador do céu; tais qualidades remetem ao ideal de filho. O genitor, no entanto, a todo custo, tenta livrar-se dele. O professor numa leitura atenta e em conjunto com os alunos, promovendo uma discussão improvisada, leva os aprendentes a identificar as mudanças de ações dos personagens no desenrolar da narrativa, em tão breve dinâmica, por meio de espaços de ação, como exemplo “Un día Caru flechó una hoja de palmera tucuma y mandó al hijo subir a la palmera para retirar la flecha” ou “Otro día Caru mandó a su hijo adelante para el rozado”. No decorrer da leitura, identificar junto com os aprendizes verbos conjugados que pontuam as movências do conto, tais como, “crecía” “podía” “seguió”, “creciendo”, “creció”, “arrodilló”, “mandó”, “llegó”, “subió”, “tiró”, “cortó”, “derribó”, “murió”, “permaneció”. Por meio da observação da desinência de cada verbo, promove no aluno a compreensão dos tempos verbais, sempre no passado, o que dá um certo ritmo de gradação que vai em direção à superação de obstáculos. Todos os verbos, com exceção de “arrodilló” são próximos do português. Não será muito difícil para o docente, no

entanto, pesquisar a etimologia desse verbo junto à turma e mostrar alguma maneira de contiguidade. O pai criador dá ao filho condições de crescer como parte da narrativa de origem, mesmo querendo matá-lo, daí os verbos de ação que promovem diferentes posicionamentos diante do enfrentamento da própria sequência narrativa e fragmentada de construção do quadro dramático.

Essas diversas tentativas de matar o filho enfatizam os obstáculos que reforçará a superação. Na tradição oral, o processo criador precisa do confronto para que a natureza possa despertar na sua magia e trazer o início civilizacional. No caso da sequência, Caru se vê numa encruzilhada que ele mesmo criou, mas da qual não pode mais sair. Tanto ele como o filho são interdependentes, e estão presos aos mecanismos do processo narrativo em curso, onde os ingredientes já foram acionados, principalmente por meio do discurso indireto:

Caru se fue de allí, pensando que su hijo había muerto. Al otro día volvió Caru y halló el hijo perfectamente bien. Cuando Caru iba quemar la roza, mandó a su hijo hacia el medio, para que muriese quemado. Caru cercó al hijo con fuego. Cuando Rairu, después, vio que la hoguera lo cercaba, entró por la tierra y cuando la roza acabó de quemar, apareció sin que el fuego le hubiera hecho nada. Caru se enojó mucho, viendo que su hijo no moría.

Toda narrativa mítica se justifica por si só. E o enfrentamento está estabelecido por uma relação extremamente fértil entre os sujeitos da oração e as consequências complementares. A maioria dos verbos é transitiva, e com isso produz uma espécie de roda-viva que leva o relato novamente ao ponto inicial. Nessa última passagem, destacamos, junto ao aprendente do espanhol, os verbos conjugados “fue”, “había”, “volvió”, “halló”, “enojó”, que, conforme já mencionado, marcam o próprio ritmo narrativo e as ações dos personagens, aqui, sempre no tempo pretérito. Ao destacar com os alunos as traduções e conjugações do vocabulário em geral, ressaltando também, dentro do texto, palavras próximas em grafia e sonoridade ao português, tais como “roza”, “fuego”, “hoguera”, perceber-se-á sempre o aumento do interesse do aluno em relação ao potencial de domínio da LE. Curiosidades de construção sintática como “mandó a su hijo hacia el medio” produzem um impasse de compreensão que o professor pode sanar de diversas maneiras, mostrando, por exemplo, a capacidade de síntese de um idioma que, no caso, implica uma maneira, por parte do pai criador, de se livrar de seu filho, hipotético rival. Textos como esses, que exploram as condições de origem e investem em uma realidade distante da realidade urbana, configura uma ótima oportunidade para confrontar

mundos opostos e complementares, já que esses vocábulos despertam em nós reminiscências mnemônicas de outras eras.

A narrativa impõe-se, como vimos até aqui, por si própria, como um tradicional mito de origem. A autonomia dada a Caru, portanto, é impressionante. Ele tem total movência para agir de acordo com os seus interesses instituais, como se tivesse que cumprir uma sina, por meio de uma sanha particular, ao querer matar seu próprio filho e, ao mesmo tempo, inaugurar um novo ciclo: “Otro día, Caru volvió y fue para el bosque. Llegó. Cuando estaba en el bosque, hizo una figura de armadillo con hojas secas y la enterró, dejando el rabo afuera, en el cual refregó resina”. O personagem ouve o apelo e entra na floresta para criar uma armadilha para o filho. O “armadillo” (o nosso tatu), enterrado e com o rabo de fora, promove uma situação sedutora de origem, alegoricamente, claro. Desenterrá-lo pode significar uma nova etapa, mas, ao mesmo tempo, a resina grudenta poderá paralisar a própria dinâmica temporal cronológica. Mais uma vez, o professor tem a oportunidade de explorar verbos estratégicos como “llegó” e “refregó”, sempre no passado, confirmando que o que se narra já está definido a priori e que o encontro com o destino, e o nascimento de um grupo, representa, com certeza, a humanidade. Todo o processo narrativo é talhado na própria inevitabilidade dos fatos narrados.

Em outro momento ulterior, logo a seguir temos uma construção sintática que pode ser explorada em mais de um sentido, o que alimentaria a expectativa do aluno em torno da relação da LE e do contexto diegético: “Anduvieron vagando por el bosque y Caru llamó al hijo: ‘¡Aquí hay un armadillo, ven a tirar!’”. A palavra “anduvieron” guarda uma curiosidade enquanto verbo conjugado. A mera tradução (andaram) não daria o alcance fônico que se tem em espanhol. Apesar de idiomas próximos, o professor consegue chamar a atenção do aluno para pronunciar o verbo sem traduzi-lo de imediato, guardando sua peculiaridade original e fazendo o aluno perceber a própria força do contexto no idioma em estudo. No mínimo, a enunciação se apresentará diferente para o leitor iniciante na LE. Na sequência, “Aquí hay un armadillo, ven a tirar!” temos um aspecto vocabular e sintático bem desafiador. Em espanhol também existe também a palavra tatu, mas “armadillo” é mais regional. Esse confronto entre os dois termos estabelece o alcance de uso para o aprendente. A construção “ven a tirar” pode se adequar a diferentes traduções, e isso permite que o professor peça para que os alunos articulem a sua própria compreensão do sintagma.

No parágrafo a seguir, a narrativa aumenta a temperatura dramática, já que estamos nos encaminhando para o desfecho:

La figura de aquel tatú iba cavando: ya había hecho un agujero en el suelo. Rairu después dejó de tirar del rabo del tatú, pero no pudo retirar la mano, porque la resina lo pegaba. Cuentan, entonces, que la figura del armadillo lo llevó por el agujero por dentro de la tierra y se sumergió. Pasaba su padre otro día por el agujero, cuando vio a su hijo salir de allí. El padre tomó un palo y golpeó a su hijo. El hijo dijo: “No me golpees, porque en el agujero de la tierra he encontrado mucha gente, más que buena, y ellos vienen a trabajar para nosotros”.

O tatu feito de folhas secas ganha vida e se torna o pretexto para interligar dois mundos ao levar Rairu pelo buraco (agujero): ao mundo de baixo com o de cima, ambos tratarão de se encontrar num plano conciliador, pois tudo se enuncia para isso. Toda a trama se encaminha para o nascimento de alguma coisa fundamental. A tentativa de manutenção da tradição oral é visível na frase “Rairu después dejó de tirar del rabo del tatú, pero no pudo retirar la mano, porque la resina lo pegaba”. Esse aspecto pode ser explorado, novamente pelo professor, buscando outras formas de tradução, tanto no próprio espanhol, como no português. No decorrer desse parágrafo, a passagem do tempo cronológico se torna inteiramente mítico: “Cuentan, entonces” ou “Pasaba su padre outro dia”. Essas particularidades enfatizam as condições privilegiadas onde transita o próprio idioma que, ao mesmo tempo, tenta trazer uma dinâmica de tradição oral em meio a artifícios literários na transposição para a escrita. Depois de levar diversas pauladas do pai, quando tentava sair do buraco, Rairu reforça os elementos de trânsito que permitirão o fechamento de um ciclo: “No me golpees, porque en el agujero de la tierra he encontrado mucha gente, más que buena, y ellos vienen a trabajar para nosotros”. O ritmo aqui encontra seu esteio quase estilístico, pois ao fazer sua defesa contra o pai, Rairu argumenta com algumas pausas estratégicas. Expressão “(gente) más que buena” possibilita trazer uma força particular por meio do enunciado em espanhol e então o professor enfatiza com a turma a dificuldade de se traduzir o sintagma literalmente para o português. O pronome pessoal “nosotros” tem também uma força evocativa e apelativa muito grande. O professor sabe da importância de essas palavras serem faladas no original, junto com a turma, habituando o ouvido a um idioma próximo do nosso, mas ao mesmo tempo com um ritmo e musicalidade próprio.

Nos últimos três parágrafos, a narrativa se encaminha decisivamente para a conclusão. O pai criador aceita os argumentos do filho, tão maltratado até então, e inicia um processo de seleção daqueles que virão habitar o nível de cima quase ao acaso, não

sem o aumento da ambiguidade do relato; o que permitirá o surgimento de diversas tribos, e a confirmação do evento mítico de criação. No primeiro momento, temos curiosidades de construção sintática que comunicam a força desse próprio evento mítico em algumas particularidades:

El padre lo dejó y no le golpeó más. Redondeó una aceitunita y la tiró al suelo, que entonces creció transformada en algodón. Luego la planta creció transformada en algodón. Caru recogió el algodón e hizo una cuerda, amarró a Rairu y lo metió en el agujero del armadillo.

Ao deixar de perseguir o filho, Caru joga uma bolinha (tirada do nada?) à terra, em formato de azeitona, e dali surge a planta do algodoeiro que será utilizada na fabricação de uma corda. Não sabemos até ponto essa ação é instintiva ou não, por parte de Caru. A corda de algodão será o instrumento que vai servir para trazer os povos para a superfície. O professor chama a atenção para a construção sintática “Redondeó una aceitunita y la tiró al suelo, que entonces creció transformada en algodón”. Explica ao aluno a composição de sentido produzida por essa combinação de signos, sem a necessidade de uma tradução literal. Esse exercício de estimular a compreensão a partir do idioma meta é importante, pois desenvolve no aluno a capacidade responsiva de receber e compreender textos em LE, produzindo então novos sentidos no próprio idioma estudado, aumentando as condições de uso e de domínio. Em termos de vocabulário, ou expressões sintáticas, temos “redondeó”, “aceitunita”, “Y la tiro al suelo”, “e hizo” que ajudam a perceber a riqueza de elementos em jogo. O verbo conjugado “redondeó” guarda alguma homofonia com o português, mas por outro lado teríamos que apelar para uma outra palavra, pois “arredondar” não consegue alcançar o sentido em espanhol, nesse contexto. Em forma de “aceitunita” (azeitoninha) é possível traduzir e alcançar o significado literal que a expressão apresenta. A expressão “Y la tiro al suelo” guarda uma singularidade bem contextual para funcionar dentro da dinâmica que o autor quer. Na aditiva, “e hizo” o professor chama a atenção para as diferenças de uso das conjunções “y” e “e”, lembrando de passagens anteriores.

Apesar de a tentativa de dar cabo do filho, é este o instrumento usado para levar a cabo o processo criador junto ao pai, como se obedecessem a desígnios maiores. Evidencia-se a interdependência de um para com o outro cada vez que se aproxima do

final do conto, pois sem Rairu a descoberta de outras “gentes” não seria possível, nem tampouco o “resgate” dos mesmos do seio da terra:

Caru recogió el algodón e hizo una cuerda, amarró a Rairu y lo metió en el agujero del armadillo. Cuentan que por la cuerda del agujero subió mucha gente fea, después también subió mucha gente bella; dicen que, entonces, la cuerda reventó y el resto de la gente hermosa cayó en el agujero. Rairu subió con la gente bonita.

A corda nesse ponto representa o elo de conexão entre dois mundos, e o arrebentar da corda significa a divisão entre o lado real e o divino, tendo em vista que as narrativas míticas explicam as origens sempre mediadas por vontades divinas, por meio de entidades sobrenaturais que orquestram a nossa existência e, pelos relatos, nos devolvem ciclicamente ao princípio, sempre mais uma vez. A construção “Cuentan que por la cuerda del agujero subió mucha gente fea, después también subió mucha gente bella” evidencia o surgimento de todos os tipos de pessoas. O professor, então explora com a turma os adjetivos “fea”, “bella”, “hermosa”, “bonita”, a fim de mostrar o uso dentro construções textuais como antônimas ou sinônimas, adentrando no estudo semântico das palavras. É fundamental essa compreensão da dinâmica significativa, já que, no conto, uma narrativa mítica de origem, temos o início do povoamento na terra, o que pela ótica dos chamados povos “arcaicos”²² pertenceria a uma noção própria de percepção sensível dos fenômenos.

O final da narrativa traz as informações que faltavam para completar o quadro proposto desde o início, e com isso vários novos elementos entram para a dinâmica significativa; o leitor atento colhe novas surpresas diante de um reconhecimento de terreno prévio, estabelecido pelo professor:

Cuentan que Caru, cuando vio aquella banda de gente, mandó hacer una pasta verde, una roja, una negra, una amarilla, para marcar aquella gente con sus mujeres, para que cuando aquella gente creciera fueran los pueblos Mundurucu, Mura, Arara, Pamaná, Manateneru, Catauchy y así todos. Como tardaba mucho en pintarse toda aquella gente, quedaron algunos como son y otros más descuidados. A los perezosos, Caru dijo: “Vosotros sois muy perezosos, ahora vosotros seréis pajarillos, murciélagos, cerdos y mariposas”. A los otros que no eran perezosos y que eran bonitos, les dijo: “Vosotros seréis el principio de otra era; en otro tiempo los hijos de vosotros serán valientes”. Después Caru se sumergió por dentro de la tierra y desapareció. Entonces denominaron a aquel agujero Caru-Cupi.

²² Também conhecidos como povos cosmogônicos, segundo terminologia de Mircea Eliade.

Dentro da apreensão dos elementos propostos, temos contato agora com ações determinantes que propõem a divisão dos povos e suas categorizações. A narrativa, também, dá conta de explicar a diversidade de cores e características psicológicas da espécie humana, bem como a origem de algumas espécies de animais, resultantes da punição de Caru, o criador, para com os preguiçosos: “Como tardaba mucho en pintarse toda aquella gente, quedaron algunos como son y otros más descuidados. A los perezosos, Caru dijo: “Vosotros sois muy perezosos, ahora vosotros seréis pajarillos, murciélagos, cerdos y mariposas”. O professor, então, exercita com os alunos a pronúncia e a tradução dos vocábulos como “aquella”, “verde”, “roja”, “negra”, “amarilla”, “mujeres”, “mucho”, “algunos”, “perezosos”, “pajarillos”, “murciélagos”, “cerdos”, “mariposas”, “hijos”, “tierra”. A atividade de pronúncia é necessária, para que os alunos, aprendentes de LE, consigam perceber a sonoridade das palavras e pronunciem de forma correta os sons das letras “j”, “l”, “r”, “z”, “s” e dos dígrafos “ll”, “ch” e “rr”, pois é normal que o aprendente tenha dificuldades quanto à pronúncia em espanhol; nesse momento o aluno observa também a semelhança de som e grafia dos vocábulos correspondentes na língua portuguesa, mesmo em palavras difíceis de pronunciar como “murciélagos”. É importante explorar, também, a construção; “Vosotros seréis el principio de otra era”, com destaque para o uso do pronome “vosotros”, pois em alguns países o referido pronome é empregado somente em contextos formais de uso da língua. O professor chama a atenção para a forma verbal do verbo “ser”, pois esse é diferente dos demais verbos identificados ao longo do texto quando aparece no futuro “seréis”, e quando traduzido para o português apresenta a mesma construção. O exercício de tradução colabora tanto para a compreensão de significados produzidos, quanto para a aquisição de vocabulário, pois permite ao aluno dominar a forma de escrita em ambos os idiomas. No caso, como mito de origem, ele elenca várias etnias indígenas conhecidas na Amazônia como Mundurucu, Mura, Arara, Pamaná, Manateneri, Catauchy que compreendem uma dinâmica de povoamento original, reforçando o respeito às raízes culturais nativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância e a necessidade de trabalhar com as narrativas tradicionais amazônicas para o ensino-aprendizado de língua espanhola, este trabalho se propôs a trazer uma discussão inicial ampla sobre a importância do resgate desses tipos de relato para situações de ensino que se poderão utilizar, como instrumentos fundamentais, os ramos orais da Amazônia brasileira e peruana, manifestas sob forma de lendas e mitos desses dois espaços culturais, por meio de atividades propostas que apontam diferentes estratégias em sala de aula para aprimorar o desenvolvimento das habilidades esperadas em língua estrangeira.

Nesse sentido, os contextos de aprendizagem aqui pensados pelo viés da abordagem comunicativa, enfatiza o aprendizado visando às situações reais de uso da língua, e assim levar o aprendiz a entender a tradição cultural como elemento de transmissão de conhecimentos no idioma original.

Por meio dos trabalhos com os gêneros narrativos, evidencia-se os valores e as identidades locais, bem como os saberes que permeiam toda nossa existência enquanto sujeitos inseridos em uma sociedade plural e devedora de antigas tradições.

A sala de aula, sendo então espaço de aprendizagem por excelência, é o ambiente ideal para troca de saberes e estratégias. Sendo assim, ensinar língua como um organismo vivo que se nutre a partir da absorção de outros idiomas, tem um significado que ultrapassa os limites da simples decodificação gramatical, ou memorização de regras, tendo em vista que estamos em constante contato com outros modos de dizer, seja por meio de diálogos, ou ao ouvir uma música, ou ao assistir a um filme, ou à televisão, estamos participando diariamente dos processos de comunicação e (trans)formação dos idiomas, pois constantemente recebemos e partilhamos signos, que compõem a língua que falamos. Para o aprendente de LE, é fundamental estar atento às muitas manifestações na língua meta estudada.

Em se tratando de cultura e imaginário, convidamos os alunos a se posicionarem como sujeitos de fato responsáveis pelo andamento construtivo de seu aprendizado. Desse modo, é promovido então um ensino significativo e eficaz apoiado nos mitos e lendas da Amazônia, como o fiz aqui.

Tomando o espaço escolar como lugar ideal para debates e rememoração dessas narrativas, em certo ponto “esquecidas”, reitero que é importante (re)conhecer e trabalhar também com as literaturas de base oral de nossa região, sendo então esse exercício relevante para a compreensão das influências culturais que compõem esse espaço denominado Amazônia, onde o entrecruzamento das narrativas míticas que o conforma nos aproxima de nossos antepassados, por meio das histórias da selva e das águas, protagonizadas por seres encantados. Além de possibilitar o aprendizado por meio de situações reais de uso da língua, que mostram como se organizam as construções vocabulares, fônicas e sintáticas dentro de um texto de forma contextualizada. Observando as palavras e sua sonoridade das palavras, por exemplo, e pronunciando corretamente os sons das letras, bem como o uso dos tempos verbais, de acordo com as situações contextuais apresentadas.

A prática da leitura atenta, aqui proposta, como situação de aprendizagem, orientada pelo professor em sala de aula, contribui para a formação de leitores críticos, curiosos, que buscam informações para além do texto, assim sendo, ampliam assim seus conhecimentos de mundo, enriquecem o vocabulário na língua meta e na língua nativa.

Pode-se dizer que o ensino de ELE, utilizando as narrativas míticas, promove no aprendiz não apenas a noção de valorização cultural, mas também o respeito para com o diferente e a consciência de estar inserido em uma sociedade plural, que está em constante desafio de comunicações, devido à ampliação dos instrumentos tecnológicos que surgiram ou que surgirão.

A escolha de narrativas tradicionais para o ensino de língua espanhola permite uma aprendizagem a partir da raiz imemorial, perdida no tempo e que agora reencontra um aluno desavisado, mas que poderá permitir uma nova curiosidade que o interligará com ancestralidades fundamentais para descobrir a sua posição no mundo contemporâneo: no momento em que é praticado uma leitura atenta, além de perceber a relação com os acontecimentos maravilhosos, aprende-se sobre as construções sintáticas da língua meta; reforça também o que já se sabe na língua materna; os sons das palavras e das letras são colocados em prática; as traduções feitas produzem uma infinidade de significados a partir da subjetividade de cada aprendiz; concomitantemente, rememoram-se os saberes culturais de outros tempos; quando a leitura é referente a uma narrativa mitológica de outro país, novos conhecimentos são acessados, desse modo

visualiza-se a organização e funcionamento de uma língua dentro de um (con)texto de uso.

Os caminhos percorridos, durante a estruturação deste estudo e proposta de ensino, possibilitam apresentar aos docentes novas estratégias para a divulgação da Língua Espanhola, principalmente a partir da recuperação de textos que não figuram como canônicos da alta literatura. Na esperança de que o ensino como um todo se torne de fato significativo para os aprendentes, e que o hábito da leitura atenta iniciada em suportes textuais aparentemente menos ambiciosos, acabem por despertar o interesse pela leitura como um hábito contínuo, evoluindo então para textos de maior complexidade literária.

REFERÊNCIAS

- ARGUEDAS, J.M; RÍOS, F.I. **Mitos leyendas y cuentos peruanos**. Org. Sybila A. A; Wladimiro I. L. Lima-Peru. Punto de Lectura,2011.
- BAKTHIN, M.M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes,1992.
- BANDEIRA, L. N. P. **O ensino de espanhol por meio de lendas: uma perspectiva intercultural**. 2020. Orientador: Prof. Dr. Newton Freire Murce Filho Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2020.
- BAYAR, J.P. **História das lendas**. Trad. Jeanne M. Ed. eletrônica: Org. Ridendo C. M.
- BLANCO, S.V.N. **Encenações nas aulas de língua espanhola: uma intervenção didática**. Belo Horizonte: Dialética, 2021.
- BRICOUT, B. **O olhar de Orfeu: os mitos literários no ocidente**. Trad. Leila O. B. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DÍAS. L.O. **La selva contada por los narradores. Ecología política en novelas y cuentos hispanoamericanos de la selva (1905-2015)**. Département de littérature et de langues du monde Fculté ded arts et des sciencis.Université de Montréal Faculté des études supérieures et postdoctorales, 2016.
- CAILLOIS, R. **O homem e o sagrado**. Trad. Geminiano C. F. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- CAMPUS, N. G. T. **Los seres mitológicos en la tradición oral de los pueblos ribereños del Napo**. Perspectivas latinoamericanas. n.14. p.37-66. 2017.
- CARDOSO, S. F. **As lendas Amazônicas como recurso no ensino de Português Língua Estrangeira**. Dissertação (Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP, Porto, 2018.
- CASCUDO, L. C. 1898-1986. **Literatura oral no Brasil**. 2.ed. – São Paulo: Global, 2006

CELADA, M.T. “Aqui há língua”. No processo de ressignificar as práticas de ensino. In: **Espanhol como língua estrangeira: reflexões teóricas e propostas didáticas**. Org. Odair L. N., Viviane C. P. L. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013

CHIAMPI, I. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. 2.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2008.

CHISTÉ, B.S. Letramento e Construção de identidade na Amazônia rondoniense: reflexão sobre esse movimento. In: **Linguagens e identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental**, 1. Org. Bispo Sheila da Costa Mota. Rio Branco: Edufac, 2010.

CRUZ, B.M; SIMÕES, M.S. **Mitos y leyendas de la Amazonia brasileña y peruana, dos países con raíces en la literatura indígena**. Poligramas, 2014. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7528487>.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972 Lima: Alianza, 2001.

EHRICHS, V. P; PLATERO, A.M.G. **Leyendas de la Amazonía brasileña**. Brasília-DF: Consejería de Educación de la Embajada de España, Secretaría General Técnica, 2011. Versão em PDF disponível em: <https://sede.educacion.gob.es/publiventa/leyendas-de-la-amazonia-brasilena/ensenanza-lengua-espanola>. Acesso em novembro de 2022.

FERNADES, F, 1900-1965. **Dicionário Brasileiro Globo**. Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães. – 56. ed. – São Paulo: Globo, 2003.

GARGALLO, I. S. **Lingüística aplicada a la enseñanza –aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco Libros, 1999.

JOLLES, A. **Formas Simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

KHALI, M, M.G. O boto e sua sogra: o mito e o real maravilhoso. In: **Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização/ Org.:** Gerson R. A. Miguel N., Sônia MG. S. – Rio Branco: Nepan Editora, 2015.

LIMA, C. A. **Interculturalidade e ensino de espanhol por meio de lendas**. -2015. Orientador: Prof. Dr, Moacir Lopes de Camargos. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2015.

LOUREIRO, J. J. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém. Cejup, 1995.

MARTÍN-BARBERO. J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald P. e Sérgio A. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

MENDES, F. M. M. **Imaginário na Amazônia: os diálogos entre história e literatura**. Rio Branco: Edufac, 2016.

MIELIETINSKI, E.M. **A poética do Mito**. Trad. Paulo B. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

MIRANDA, J. J. G. **Literatura oral y popular del Perú**. Ecuador: Instituto Iberoamericano del Patrimonio Natural y Cultural-IPANC, 2006.

ORICO, O. **Mitos ameríndios e credences amazônicas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: Brasília, INL, 1975.

OLIVEIRA, G.C.A; SZUNDY, P.T C. As linguagens usadas no meio social e a sua importância na construção da leitura dos alunos do 3º ano do ensino médio. In: **Linguagens e identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**. v. 1, Org.: Bispo Sheila da Costa Mota. Rio Branco: Edufac,2010.

OVIEDO, J. M. **Historia de la literatura hispanoamericana I. De los orígenes a la emancipación**. Lima: Alianza, 3.ed. 2001.

RODRIGUES, S. C. **O fantástico**. São Paulo. Ática, 1988.

SCHIITES, R. S. **Oralidade, orientações curriculares e língua espanhola: o que dizem os documentos oficiais sobre o ensino da língua falada em sala de aula?** Revista Humanidades e Inovação v.5, n. 10. p. 64-73. 2018.

SOUZA, A. **As lendas amazônicas em sala de aula**- Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. 3. ed. Manaus: Valer, 2020.

SOUZA, E. O. **Ficção, história e amazonidades em Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro**: dilemas do ensino de leitura. Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Carvalho - 2021. Dissertação – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidade e Linguagens, Cruzeiro do Sul- Ac, 2021.

SUGOBONO, N. **Mitos y leyendas del amazonas**. Barcelona: Liberduplex, S.L, 1999.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

<http://www.pucallpa.com/pucallpa/mitos-y-leyendas-de-la-selva.html> . Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

<https://www.google.com.br/Fterrifying-legends-peru-yacumama-sachamama>. Acesso em 20 de março de 2023.

www.google.com.br/Fbibocaambiental.blogcriacao-do-mundo-algumas-lendas. Acesso em 20 de março de 2023

ANEXOS

CÓMO APARECIÓ LA NOCHE

En el principio no había noche. Solamente el día existía todo el tiempo. La noche estaba adormecida en el fondo de las aguas. No había animales; todas las cosas hablaban. La hija de la diosa Serpiente Grande- cuentan- se casó con un joven. Ese joven tenía tres criados fieles. Un día él llamó a los tres criados y les dijo: “Idos a pasear, porque mi mujer no quiero dormir conmigo”.

Los criados se fueron, y entonces él llamó a su mujer para dormir con ella. La hija de la Serpiente Grande le respondió: “Todavía nos es de noche”.

El joven le respondió
: “No hay noche. Solamente hay día”.

La joven le dijo: “Mis padres tienen noche. Si quieres dormir conmigo, manda a buscarla, por el río crecido”.

El hombre llamó a los tres criados; la mujer los mandó a la casa de su padre, para que trajeran un carozo de la palmera tucuma. Los sirvientes se fueron, llegaron a la casa de Serpiente Grande, éste les entregó un carozo de tucuma muy bien cerrado y les dijo: “Aquí está, lleváoslo. ¡Eia! No lo abráis; si no, todas las cosas se perderán”.

Los sirvientes se fueron y estaban escuchando ruidos dentro del coco de tucuma, así: “ten, ten, ten...ji...”. Era el ruido de los grillos y los sapitos que cantan de noche. Cuando ya estaban lejos, unos de los criados dijeron a sus compañeros: “¿Vamos a ver qué ruido será éste?”.

El guía dijo: “No, de lo contrario nos perderemos. ¡Vamos, continuemos, a remar!”.

Ellos se fueron y continuaron oyendo aquel ruido dentro del coco de tucuma, y no sabían qué ruido era. Cuando ya estaban muy lejos, se juntaron en medio de la canoa, encendieron fuego, derritieron la brea que sellaba el coco y lo abrieron. De pronto, todo oscureció. El guía dijo entonces: “¡Estamos perdidos; y la joven, en su casa, ¡ya sabe que nosotros hemos abierto el coco de tucuma!”.

Ellos siguieron el viaje. La mujer, en su casa, dijo entonces a su marido: “Ellos soltaron la noche, vamos a esperar la mañana”.

Entonces todas las cosas que estaban dispersas por el bosque se transformaron en animales y pájaros. Las cosas que estaban dispersas por el río se transformaron en patos y peces. De una canasta de mimbre se engendró el jaguar; un pescador y su canoa – que se hallaban en el río – se transformaron en el pato; de su cabeza nació la cabeza y el pico del pato; de la canoa, el cuerpo del pato; de los remos, las pernas del pato. La hija de la Serpiente Grande, cuando vio la estrella del alba, dijo a su marido: “La madrugada viene rompiendo. Voy a dividir el día y la noche”.

Entonces ella enrolló un hilo y le dijo: “Tú serás el pájaro kujubin”.

Así ella hizo al kujubin; pintó la cabeza del kujubin de blanco, con la arcilla Tabatinga; le pintó las piernas de rojo con la planta urucú y, entonces, le dijo: “Cantarás para todos siempre que veas el despuntar de la mañana”.

Ella enroló el hilo, sacudió la cinta por encima de ella y dijo: “Tú serás el pájaro inambú, para cantar en los diversos momentos de la noche y la madrugada”.

Desde ese entonces, todos los pájaros cantaron en sus ocasiones y de madrugada, para alegrar el principio del día. Cuando los tres criados llegaron, el joven les dijo: “no fuisteis fieles, abristeis el carozo de tucuma, soltasteis la noche y todas las cosas se perdieron, y vosotros también, os habéis metamorfoseado en monos macacos y andaréis por siempre por las ramas de los árboles”.

La boca negra y la raya amarilla que todavía tienen estos monos en el brazo es, dicen, la señal de la brea que cerraban el carozo de tucuma y que se escurrió sobre ellos cuando la derritieron.

Mitos y leyendas del amazonas (1999)

Nahuel Sugobono

LA LEYENDA DEL UIRAPURÚ

Cuentan los indígenas más sabios y viejos que, en el sur de Brasil, existía una tribu cuyo cacique era amado por dos mujeres bellas y hermosas como la luna, pero al tener que casarse, sólo podría escoger a una. Entonces, determinó que se casaría con la india que tuviese la mejor puntería. Aceptada la prueba, las dos bellas y sensuales indias lanzaron sus flechas en los blancos previamente determinados por el cacique, pero solamente una acertó el tiro, quien entonces, se casó con el cacique.

La otra, que tenía el lindo nombre de Oribici, lloró tanto que sus lágrimas formaron una fuente y un hermoso lago. Ella le pidió al poderoso Tupá que la transformase en un pájaro para que pudiese visitar al cacique sin que este la reconociera. Fue entonces cuando el dios de los indios llamado Tupá hizo su voluntad. Pero, dándose cuenta de que el cacique de verdad amaba perdidamente a su linda y atenta esposa, la linda Oribici, decidió abandonar aquellos parajes y voló para el norte del país, yendo a parar a los bosques de la Amazonia.

Para poder consolarla de la enorme tristeza que tenía la bella india en su corazón puro, Tupá la transformó en un pequeño pájaro y le dio una voz melodiosa. Por ese motivo es por el que vive cantando, para olvidar las heridas de amor, y los otros pájaros, cuando se encuentran con el magnífico y pequeño uirapurú, se quedan callados, oyendo sus bellos y agudos trinos, fantásticos y maravillosos, haciendo eco por las selvas. Y fue así como el uirapurú llegó a ser la voz más linda de la selva, capaz hasta de ayudar a los humanos que oyen su canto, a conseguir, en el amor, la felicidad que él mismo no tuvo.

Leyendas de la Amazonia brasileña (2011)

Ana María Gómez Platero

Victoria Palma Ehrichs

LA CAPIRONA

Los hijos de una familia de leñadores preguntaron, en una ocasión, a su abuelita, que era muy anciana, por qué la capirona tiene a veces un sonido especial: ciiiií; y otras veces: ta ta ta ta... La abuelita les contestó que el primer sonido semeja el lloro de una criatura, y que la capirona grita de este modo cuando nace un varón, y llora porque sabe que el hombre que está naciendo, más tarde, la tronchará convirtiéndola en trozos de leña; y que lanza el segundo grito, que parece una risa, cuando está naciendo una mujer, y ríe porque de ella no espera nada malo, razón por la cual se alegra y exterioriza así su contento.

Esta creencia está tan arraigada entre los leñadores de la región amazónica, que cuando el árbol de capirona llora, a ciencia cierta dicen: «Está naciendo un varón»; y cuando lo oyen reír: «Está naciendo una mujer».

Mitos leyendas y cuentos peruanos (2011)

José María Arguedas
Francisco Izquierdo Ríos

EL YACURUNA

El indio Fabián Sangama, en altas horas de una noche de tormenta, regresaba con su hijo de nueve años de edad más o menos, de Yurimaguas al fundo Santa Rosa, donde vivía. Bajaban lentamente en su canoíta por el río Huallaga, cuando, de repente, Sangama se dio cuenta que una mujer desnuda y hermosa estaba agarrada a la proa de su canoa. La canoa empezó a sumergirse, e instantáneamente sus ocupantes se vieron dentro de una casa, en el fondo del río. El techo de la casa era de arena, los horcones, vigas y demás maderaje eran víboras de diferentes tamaños y grosores, y los bancos para sentarse eran charapas («tortugas de río»).

Muchas mujeres desnudas y de deslumbrante belleza estaban en la casa, y acostado en un lecho de caracolillos, un viejo. El hijo de Sangama iba a sentarse en una charapa, pero esta, al darse cuenta de la intención del chico, corrió velozmente.

El niño se asustó y lanzó un grito. El viejo, al oír el grito y sentir nuevos huéspedes, se irguió y exclamó, sentencioso: «Micushará» («comeré»), pero una de las mujeres lo hizo incorporarse en su lecho.

El niño lloraba inconsolablemente y Sangama mascaba y mascaba tabaco...

De pronto y sin saber cómo, Sangama y su hijo se encontraron nuevamente en su embarcación, sin haber perdido nada de su equipaje. La canoa se hallaba seca y siguieron rumbo a Santa Rosa, como si nada les hubiera sucedido, no obstante haber sido, por breves momentos huéspedes del Yacuruna.

Mitos leyendas y cuentos peruanos (2011)

José María Arguedas
Francisco Izquierdo Ríos

EL CHULLACHAQUI

Las muchachas iban pescando a lo largo del riachuelo Cumbaza. Al atardecer, una de ellas se internó en la selva; tal fue su entusiasmo al encontrar un camino bello y amplio, que siguió avanzando; pero a medida que continuaba, se iba angostando el sendero y enmarañadas espinas le impedían ver el horizonte. En estas circunstancias, se le presentó un caballero cojo, pero bien vestido, y muy atentamente la invitó a continuar el viaje. La joven, fuera de sí, lo siguió, y al recobrar su conciencia se dio cuenta de que se encontraba dentro de una cueva oscura; allí vivió por espacio de ocho días.

Su compañera, desesperada y cansada de llamarla, regresó al pueblo; dio cuenta de lo sucedido a los padres de la joven, y ellos, igual que todos los vecinos del pueblo, aseguraban que el Chullachaqui la había robado.

Por suerte, en esos momentos pasaba por allí un fraile misionero montado en un caballo con dirección a un pueblo cercano; y todos le suplicaron que bendijera esos caminos y cerros. Después de la bendición, con gran sorpresa para todos, la joven desaparecida salió de la cueva, cubierta de hojas y vomitando un líquido verdoso.

Mitos leyendas y cuentos peruanos (2011)

José María Arguedas
Francisco Izquierdo Ríos

LA LEYENDA DEL MAPINGARÍ

Los caboclos juran que dentro de la floresta vive el Mappingarí, un gigante peludo que grita como una persona y que acude al encuentro de aquel desavisado que responde a tales alaridos. El Mappingarí es feroz y no teme ni al cazador, porque es capaz de dilatar el acero cuando sopla en el cañón de la escopeta. Dicen que él solo huye cuando ve un oso perezoso, lo que nadie se explica es por qué tiene miedo justamente de su pariente, ya que se le considera un oso perezoso prehistórico.

Él es como un enorme hombre completamente peludo o bien un ser que se asemeja a un gran simio, solo que posee un ojo en mitad de la frente, y una gran boca que se extiende hasta la barriga en dirección al ombligo. Para unos, está realmente cubierto de pelos, pero usa una armadura hecha del caparazón de la tortuga, para otros, su piel es igual al cuero del cocodrilo.

Hay quien afirma que sus pies tienen el formato de una mano de mortero. Por la descripción, no parece muy atractivo. Por otro lado, ¿a quién le gustaría encontrarse a una figura con un ojo en la frente y la boca en el ombligo? Y lo peor es que tiene un olor tan malo que aquel que se atreve a acercarse, puede marearse y convertirse en una presa fácil. Estos son, en síntesis, los trazos del Mappingarí, ente fantástico que habita la región amazónica y la imaginación de los caboclos y demás lugareños que en ella viven.

Según cuentan, al andar por la selva, intenta atraer la atención de su presa, por eso emite ese grito semejante al de los cazadores, para que los que se encuentran cerca, pensando que se trata de otro cazador, se dirijan a su encuentro y acaben perdiendo la vida: el Mappingarí los devora con su inmensa boca comenzando por la cabeza. Relatan también historias sobre grandes combates entre el Mappingarí y valientes cazadores, no obstante, el Mappingarí siempre tiene ventaja y los afortunados cazadores que consiguen sobrevivir muchas veces lamentan su suerte: se quedan lisiados o con terribles marcas en el cuerpo para el resto de sus vidas.

Hay quien asegura que el Mappingarí solo anda por la selva de día, reservando la noche para dormir, por eso, si pensó que de día podría pasear tranquilo y seguro, no se confíe, él puede surgir de cualquier lugar. Otros relatos informan que únicamente aparece durante los días santos y festivos. Un modo de que evite este encuentro es mirar bien a su alrededor, puesto que cuando el Mappingarí camina por la selva berreando, rompe ramas y derrumba árboles, dejando así un rastro de destrucción. Recuerde, si percibe que la maleza está devastada, ¡huya!

Afirman algunos que es un animal raro, pero un animal, al fin y al cabo, mientras que otros creen que se origina de los indios que alcanzan una edad avanzada y que después... ¡se transforman en el increíble monstruo!

Si usted pretende conocer las bellezas de la selva amazónica, ¡vaya con cuidado! Nunca entre en la selva sin un guía con experiencia, pues puede ser que se depare cara a cara con esta descomunal bestia mitológica.

Leyendas de la Amazonia brasileña (2011)

Ana María Gómez Platero

Victoria Palma Ehrichs

LA LEYENDA DEL BOTO

De acuerdo con la leyenda, el boto, canta hermosas canciones. Las indias y las muchachas blancas que aún son vírgenes difícilmente resisten al melodioso canto y acaban por acompañarlo, momento en el que son arrastradas hacia el fondo de los ríos de la región en noches claras de luna. Esos hermosos delfines rosas que se transforman en apuestos jóvenes, siempre se reúnen en las orillas de los arroyos para cantar y bailar sobre las aguas.

Cuenta la leyenda que una bella y hermosa india, hija de un poderoso y valiente cacique, se casó con un bravo y valiente guerrero que era conocido y respetado por los otros indígenas. Un tiempo después, la bella india se quedó embarazada y tuvo un lindo bebé que se convirtió en la alegría de toda la comunidad indígena de la región amazónica.

Tras un tiempo de convivencia, la preciosa india notó que su bravo y valiente marido tenía una extraña cola, que más bien parecía una aleta de pez. Estaba siempre escondida bajo un taparrabos hecho con las plumas de las aves reales que él cazaba siempre. Cierta día, ella le preguntó:

— ¿Por qué usas esa cosa tan fea?

— Esto es lo que les falta a las personas que se ahogan – respondió el bravo guerrero, irritado ante las preguntas de su mujer.

Después de enfadarse por la pregunta un tanto impertinente, salió de su choza y nunca más volvió a la tribu. Todos notaron la falta del valiente y gran guerrero indio, y empezaron a buscarlo por todos los lugares por donde se extendían las conocidas comunidades indígenas.

También existe otra leyenda en la que el delfín rosado sale de las aguas del río Amazonas y se transforma en un apuesto joven que deja embarazadas a algunas muchachas indias o blancas que aún no llegaron a la menarquía. Cuando estas muchachas se quedan embarazadas, en vez de culpar a los novios por lo ocurrido, dicen que las sedujo el boto.

Leyendas de la Amazonia brasileña (2011)

Ana María Gómez Platero

Victoria Palma Ehrichs